

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS**  
**PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO**  
**ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES**  
**CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

**GUSTAVO HENRIQUE RODRIGUES QUEIROZ**

**VLADÍMIR MAIKÓVSKI E A REVOLUÇÃO RUSSA REPRESENTADA EM SUA  
OBRA POÉTICA**

**GOIÂNIA**

**2022**

GUSTAVO HENRIQUE RODRIGUES QUEIROZ

**VLADÍMIR MAIAKÓVSKI E A REVOLUÇÃO RUSSA REPRESENTADA EM SUA  
OBRA POÉTICA**

Monografia apresentada à Escola de Formação de Professores e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura em História.

Orientadora: Professora Doutora Lúcia Helena Rincón Afonso.

**GOIÂNIA**

**2022**

Eh! senhores  
amadores de sacrilégios,  
carnificinas e crimes,  
já vistes o mais terrível?  
Meu rosto  
quando estou  
absolutamente tranquilo.  
Eu para mim é pouco.  
Algo se empenha em sair de mim  
como um louco.

Maiakóvsk

## RESUMO

Vladimir Maiakóvski (1893 – 1930) foi um poeta e revolucionário georgiano que teve ativa participação no processo revolucionário russo de 1917, e notável envolvimento nos movimentos de vanguarda da Rússia do mesmo período, especialmente no futurismo, dividido em duas vertentes: egofuturismo e cuboturismo. Diante disso, propõe-se com essa monografia de Graduação em História, descrever e analisar a vida do poeta em dialética com os acontecimentos do processo revolucionário, além dos movimentos artísticos de vanguarda que dialogaram com o poeta no momento de sua produção. Por intermédio dessa descrição e análise, é possível a representação dos acontecimentos do processo revolucionário que desembocaram no regime bolchevique, utilizando-se dos poemas fabricados por Maiakóvski, no calor do momento, como quase tudo que o poeta produziu, buscando a articulação texto/contexto.

**PALAVRAS-CHAVE:** Vladimir Maiakóvski; Movimentos Artísticos; Revolução Russa; Poemas.

## **ABSTRACT**

Vladimir Mayakovsky (1893 – 1930) was a Georgian poet and revolutionary who had an active participation in the Russian revolutionary process of 1917, and notable involvement in the Russian avant-garde movements of the same period, especially in Futurism, divided into two strands: egofutourism and cubotourism. In view of this, it is proposed with this monograph of Graduation in History, to describe and analyze the poet's life in dialectic with the events of the revolutionary process, in addition to the avant-garde artistic movements that dialogued with the poet at the time of his production. Through this description and analysis, it is possible to represent the events of the revolutionary process that led to the Bolshevik regime, using poems made by Mayakovsky, in the heat of the moment, like almost everything the poet produced, seeking the text/context articulation.

**KEYWORDS:** Vladimir Mayakovsky; Artistic Movements; Russian revolution; poems.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>7</b>
<b>2</b>	<b>VLADÍMIR MAIAKÓVSKI: VIDA E MOVIMENTOS ARTÍSTICOS</b> .....	<b>11</b>
<b>2.1.</b>	<b>Vladimir Maiakóvski: uma vida dedicada as Revoluções Russas</b> .....	<b>11</b>
<b>2.2.</b>	<b>Movimentos Artísticos contemporâneos à Maikóvski</b> .....	<b>29</b>
<b>3</b>	<b>A REVOLUÇÃO RUSSA NA POESIA DE VLADÍMIR MAIAKÓVSKI</b> .....	<b>40</b>
<b>3.1.</b>	<b>A Rússia rumo a terra prometida</b> .....	<b>40</b>
<b>3.2.</b>	<b>Da utopia à crítica</b> .....	<b>53</b>
<b>4</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>69</b>
	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	<b>70</b>
	<b>FONTES POÉTICAS</b> .....	<b>71</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O tema das Revoluções Russas, desde o contato inicial com a graduação em história, despertou-me enorme interesse. A ideia de uma revolução empreendida pelo povo, com ativa participação dos camponeses e mulheres, pareceu-me um fenômeno de extrema relevância. Além do mais, uma Revolução que ocorreu numa sociedade condicionada por um império multissecular, onde a liberdade de expressão e a democracia eram quase nulas.

A partir de então, busquei compreender o processo das Revoluções. Li livros e artigos, e foi quando me deparei com o pitoresco, definido como o poeta da revolução por Stalin, Vladímir Maiakóvski, num livro sobre o assunto, escrito por Daniel Aarão Reis: *A Revolução que mudou o mundo*. Aarão, em momento algum escreveu sobre o poeta em meio as Revoluções, mas há uma foto de Maiakóvski, com uma expressão rígida, com um olhar sério, usando chapéu. A figura de Maiakóvski, desde esta foto, me provocou inexplicável fascínio, fascínio em descobrir quem foi o poeta da revolução, o que fez, quais práticas realizou, para ser definido desta maneira por uma figura como Stalin.

Maiakóvski conforme a definição de Fernando Peixoto em sua biografia feita sobre o poeta, foi um camarada de temperamento selvagem, esteve ligado aos mais avançados movimentos estéticos da Rússia do início do século passado, principalmente a pintura e a poesia, questionando os paradigmas artísticos anteriores, buscando a revolução social e estética. Em seus poemas, o subjetivo e o impessoal se misturam indiscutivelmente. No entanto, o poeta era atormentado por crises terríveis que o fizeram, muitas vezes, tentar o suicídio, até efetivá-lo em 1930.

Com o conhecido questionamento dos paradigmas explicativos da realidade, situado em meados de 1970, em meio à crise de maio de 1968, à guerra do Vietnã, à ascensão do feminismo, e com o surgimento da New Left, foram colocados em xeque conceitos e formas de se fazer história, sobretudo a história marxista e a corrente dos annales. Destarte, emergiu uma nova maneira de se produzir história, a Nova História Cultural, que de acordo com Sandra Pesavento passou a compreender a cultura como um conjunto de significados coletivos, fabricados pelos homens para dar sentido ao mundo. A cultura, aliás, passou a ser compreendida como uma forma de expressão da realidade que pode se manifestar simbolicamente, como através de palavras, ações e atores sociais.<sup>1</sup> Essa nova maneira de se fazer história nos proporcionou a utilização de novas fontes e objetos, tais como a história da loucura e do suicídio, e sobretudo, proporcionou-me a possibilidade de investigação da vida do poeta

---

<sup>1</sup> Pesavento, 2003, p. 15.

Maiakóvski, e o esclarecimento do processo revolucionário russo em dialética com os seus poemas, entendidos como representações do mesmo período.

A representação, de acordo com Pesavento, é a presentificação de um ausente; um apresentar de novo que possibilita enxergar algo ausente. A centralidade do conceito é a substituição, que recoloca uma ausência e torna sensível uma presença, podendo gerar condutas e práticas sociais, como os poemas escritos pelo poeta Maiakóvski. Portanto, os indivíduos e grupos significam o mundo através das representações construídas sobre a realidade.<sup>2</sup>

De acordo com Chartier, algumas dessas representações são materiais, substituindo o ausente com um objeto semelhante ou não: “tais os manequins de cera, de madeira ou couro”<sup>3</sup> ou “o leito fúnebre vazio e recoberto por um lençol mortuário que ‘representa’ o defunto”<sup>4</sup>. Outras formas de representação são as simbólicas, aquelas que podem ser encontradas em imagens, escritos etc. Além disso, toda representação está ligada aos signos.

Em seu artigo *Como Fazer Versos?*, traduzido por Boris Schnaiderman em sua tese de doutoramento, Maiakóvski afirmou que não existiam regras para se escrever versos, para se tornar um poeta. Para ele: “damos o nome de poeta justamente à pessoa que cria essas regras poéticas.”<sup>5</sup> Portanto, para o poeta “a criação de regras não constitui em si a finalidade da poesia, senão o poeta se tornará um escolástico, que se exercitará na formulação de regras para objetos e teses inexistentes ou desnecessários.”<sup>6</sup> Em síntese, Maiakóvski julgava necessária a novidade nas obras poéticas.

Ademais, acreditava que os gostos sobre a poesia poderiam ser educados, as sensibilidades das massas poderiam ser remodeladas. Que a poesia deveria estar a serviço da Revolução: “é preciso indicar exatamente esse inimigo (da revolução) ou, pelo menos, permitir representar com exatidão a sua imagem.”<sup>7</sup>

Portanto, investigar a vida e obra do poeta Vladímir Maiakóvski, um dos maiores poetas do século XX, por alguns reconhecido como o maior poeta russo do século passado, é de extrema importância, especialmente no Brasil atual, onde vivemos um momento desesperador devido ao vertiginoso desmonte da nação promovido pelo governo bolsonarista,

---

<sup>2</sup> *Ibidem*, p.39-40.

<sup>3</sup> CHARTIER, 1991, p. 184.

<sup>4</sup> Pesavento, 2003, p.39-40.

<sup>5</sup> SCHNAIDERMAN, 1984, p. 169.

<sup>6</sup> *Ibidem*, p. 170.

<sup>7</sup> *Ibidem*, p. 171.

apoiado em ideias neoliberais notadamente inumanas<sup>8</sup>. Reviver uma figura como Maiakóvski, que se utilizou das artes, a sua feroz arma, para contribuir com uma das principais revoluções sociais da história é de extrema relevância para uma leitura integradora da realidade.

Marc Ferro, afirmou que a destruição ou transformação do mundo para a promoção de uma realidade mais justa, é uma utopia tão antiga quanto a própria história dos homens. Desde a Assembleia das Mulheres, de Aristófanes, até o Manifesto Comunista, de Marx, e os últimos escritos de Marcuse, podemos encontrar o mesmo projeto: “que compreende simultaneamente a abolição da propriedade privada e da família, assim como a garantia de um bem-estar material devido a uma nova organização do trabalho”<sup>9</sup>

Um exemplo notável da antiguidade, e de grande apreço subjetivo, é o programa social para o renascimento de Esparta, do rei radical Nabis (230 – 192 a.C.). Perry Anderson salientou que o programa do rei radical incluía o exílio dos nobres, a abolição do erofato<sup>10</sup>, a emancipação dos súditos locais, a alforria dos escravos e a distribuição, igualitária, das terras para os pobres, que as perderam diante do confisco dos nobres. Portanto, Nabis acreditava que a partir da igualdade de condições materiais, além da dignidade, formava-se um estado justo.<sup>11</sup>

Gracchus Babeuf, considerado um ancestral fundamental dos revolucionários dos séculos XIX e XX, elaborou pela primeira vez o problema que desembocou na Rússia do início do século passado: a passagem de uma sociedade para outra. De acordo com Ferro, a ideia de um grupo ou de um partido portador de um ideal ganhou consistência graças a sua práxis.<sup>12</sup>

Nos primeiros anos do século XX, havia uma esperança de que a mudança social se realizaria através da democracia representativa. No entanto, o início da Primeira Guerra Mundial interrompeu esse processo, e nasceram oposições conduzidas pelos “minoritários” na França e na Inglaterra, “espartaquistas” na Alemanha, e “bolcheviques” na Rússia.

Após dois anos participando da Primeira Guerra Mundial, explodiu na Rússia as Revoluções de Fevereiro e Outubro, cujo ensaio fora realizado na Revolução de 1905. Para importantes historiadores, a história do século XX é a história da Revolução Russa e suas repercussões, diretas ou indiretas, próximas ou longínquas.<sup>13</sup>

---

<sup>8</sup> CLARA, Maria: A CULPA NÃO É DA PANDEMIA. É POLÍTICA ECONÔMICA NEOLIBERAL. Acessado em 28/03/2022. Disponível em: <https://www.sinprodf.org.br/a-culpa-nao-e-da-pandemia-e-politica-economica-neoliberal/>

<sup>9</sup> FERRO, 1980, p. 9.

<sup>10</sup> Líderes que compartilhavam os poderes com o rei, na antiga Esparta. Eram eleitos cinco éforos anualmente, que juravam nome da cidade espartana.

<sup>11</sup> ANDERSON, 2013, p. 67.

<sup>12</sup> FERRO, 1980, p. 10.

<sup>13</sup> BOITO, 2017, p. 160.

Acreditamos que ao compreendermos o processo da revolução russa, sob fontes um tanto alternativas, como é o caso dos poemas produzidos por Maiakóvski, possamos contribuir nos avanços para eventuais iniciativas nesse sentido, e que possam, talvez, obter maiores êxitos. Portanto, além do interesse causado pela figura do poeta, essa pesquisa foi impulsionada, pelo desejo de um mundo melhor, igualitário, por uma utopia de uma sociedade mais justa, e que enxerga no socialismo, a única alternativa concreta ao fenômeno social bárbaro, conhecido como capitalismo.

Buscaremos a escrita narrativa da história, ou seja, um discurso sobre o real, organizado em ordem sequencial, cronológica, de forma a descrever e analisar os acontecimentos, trabalhando com o individual e com o coletivo, conforme colocado por Pesavento em sua obra sobre a Nova História Cultural.<sup>14</sup>

Gérard Vincent, no capítulo Uma História do Segredo? do volume cinco da História da Vida Privada, tecendo sobre a história narrativa, exprime que toda produção de história é, a priori, a história de um livro, iniciada com palavras que caracterizam, displicentemente, o passado dos homens, a sua vivência. E que o discurso construído por aqueles que são legitimados como historiadores, a sua perspectiva, a sua concepção, nutrida por fontes aproximativas enfeitadas por sua imaginação, “isso é história”. Para o autor, o texto produzido pelo historiador “está imbuído da divisão que ele instaura entre o ser e o nada”.<sup>15</sup>

Esperamos – com todas as nossas limitações –, portanto, poder melhor compreender a participação do poeta no processo revolucionário russo, e estabelecer uma dialética entre ambos. Além disso, representar os acontecimentos em sua poesia, da euforia e alegria à crítica.

---

<sup>14</sup> Pesavento, 2003, p. 48.

<sup>15</sup> VINCENT, 2020, p. 138.

## 2 VLADÍMIR MAIAKÓVSKI: VIDA E MOVIMENTOS ARTÍSTICOS

A pesquisa começa pela descrição e análise da vida do poeta Vladímír Maiakóvski, sua biografia, em dialética com o processo revolucionário russo. Em seguida, descreveremos os movimentos artísticos, de vanguarda, que dialogaram com o poeta no momento de sua produção, tal como o futurismo italiano.

### 2.1. Vladímír Maiakóvski: uma vida dedicada as Revoluções Russas

A 7 de julho<sup>16</sup> de 1893<sup>17</sup>, numa aldeia de Bagdádi composta por cerca de duzentas casas, na província de Kutaíssi, na Georgia, nascia Vladímír Vladimirovitch Maiakóvski. Sua família era constituída pela sua mãe, Aleksandra Alekseievna, e suas duas irmãs, Ludmila e Olga, além de seu pai, Vladímír Konstantinovitich, um conhecido guarda florestal. A família de Maiakóvski pertencia à nobreza<sup>18</sup>, mas tinha muitas dificuldades econômicas<sup>19</sup>. Maiakóvski escreveu sobre sua genealogia em um de seus poemas:

Eu –  
de avô sou cossaco,  
por outros cavaleiro,  
mas de nascença,  
georgiano.<sup>20</sup>

Seus pais gostavam de música, canto e danças. Queriam ensinar música aos filhos, mas não tinham instrumentos musicais, devido, principalmente, aos problemas financeiros. Apesar da precária situação financeira, assinavam livros e revistas a prazo, na esperança de possibilitar um acesso à cultura aos filhos.<sup>21</sup>

Maiakóvski, desde muito jovem, desenvolveu-se física e intelectualmente com rapidez. Aprendia com facilidade, captava apressadamente o que lhe interessava. Quando estava se preparando para ingressar no ginásio, desenvolvia charges que continham versos satíricos

---

<sup>16</sup> Aniversário de Vladímír Konstantinovitich, pai de Maiakóvski, que completava 36 anos.

<sup>17</sup> 19 de julho no calendário Gregoriano, vigente na Rússia Tzarista.

<sup>18</sup> Dois de seus antepassados, Demian e Cirillo Maiakóvski, foram líderes dos exércitos Zaporjets e cossacos do Mar Negro, cujos dados estão anotados no livro genealógico da nobreza de 1820.

<sup>19</sup> MIKHAILOV, 2008, p. 17.

<sup>20</sup> Ibidem, p. 21.

<sup>21</sup> Ibidem, p. 19.

para perturbar os professores.<sup>22</sup> Além disso, o jovem Maiakóvski, atrevido, pedia para que seu pai o levasse às rondas de inspeção pela floresta, e seu pai o levou algumas vezes. Em uma dessas inspeções com o pai, Maiakóvski viu pela primeira vez a eletricidade, no cair da neblina, e ficou fascinado: “depois de ver a eletricidade, deixei completamente de me interessar pela natureza. Objeto não aperfeiçoado.”<sup>23</sup>

Em maio 1902 Maiakóvski se apresentou diante dos examinadores para ingressar na classe preparatória do ginásio, vestindo calças novas de feltro e camisa branca de marinheiro, confeccionados por sua mãe. Apesar de quase ter sido reprovado, por causa de uma situação extremamente inusitada<sup>24</sup>, o jovem Maiakóvski conseguiu aprovação.<sup>25</sup>

Ao ingressar no ginásio, Maiakóvski apresentou facilidade nos estudos, fazendo com que sobrasse tempo para sua atividade preferida naquele momento, o desenho. Desenhava encouraçados, inspirado pelo confronto entre a Rússia e o Japão. Posteriormente, passou a ilustrar livros e caricaturas sobre o cotidiano doméstico. Sua capacidade para o desenho impressionou os professores, e um deles, o pintor S.P. Krasnukha se propôs a ensiná-lo sem cobrar nada.<sup>26</sup>

Ao longo do ginásio, para além da pintura, Maiakóvski descobriu a literatura. Leu autores como Júlio Verne e Miguel de Cervantes. Nos anos de 1904 e 1905, a Rússia estava em confronto contra o Japão. Devido aos fiascos da Rússia no confronto, aumentaram as produções publicitárias que instigavam uma Revolução. Uma de suas irmãs que estudava em Moscou, numa de suas férias na Georgia, levou panfletos revolucionários, em versos. Mostra-os para o jovem Maiakóvski que fica imensuravelmente fascinado.<sup>27</sup>

Durante o Ensaio Geral, de 1905, Maiakóvski tinha 12 anos e presenciou a euforia de conhecidos com a sucessão dos acontecimentos. Logo vem o contato com o marxismo, e Maiakóvski passa a ler autores como Engels, Kautsky, Liebknecht, Lassale, Chippel, Ziedel. O marxismo se mostra ao jovem Maiakóvski como a forma real de perceber o mundo, de sistematizá-lo.

---

<sup>22</sup> *Ibidem*, p. 21.

<sup>23</sup> SCHNAIDERMAN, 2020, p. 57.

<sup>24</sup> Na prova do Ginásio, o padre perguntou para Maiakóvski o que significava “oko” (em eslavo significa olho) e ele respondeu: “três libras”. Não pensou que queriam o significado da palavra em eslavo, mas sim em georgiano.

<sup>25</sup> MIKHAILOV, 2008, p. 25.

<sup>26</sup> *Ibidem*, p. 26

<sup>27</sup> PEIXOTO, 1978, p. 25.

Em 1906 morre o pai de Maiakóvski, devido a uma picada de agulha não desinfetada – a partir disso, ele passa a ter horror de agulhas e uma obsessão por limpeza. Com a morte de seu pai, agravou mais ainda a precária situação financeira de sua família. Depois do enterro, venderam os poucos móveis que tinham e mudaram-se para Moscou. Se instalaram num apartamento na rua Bronnaia. O então jovem Maiakóvski é matriculado no quarto ano de um ginásio. Sua mãe, em busca de renda, passou a alugar quartos do apartamento e a servir refeições para os inquilinos, que eram principalmente estudantes sem recursos financeiros e socialistas. Para contribuir financeiramente em casa, Maiakóvski, na pascoa, pintava ovos e os vendia numa loja de artesanato da Nieglnaia, por 10 a 15 copeques cada.<sup>28</sup>

Um personagem decisivo na formação revolucionária de Maiakóvski, o estudante bolchevique Ivan Ivanovitch Karakhanov (indivíduo já conhecido da família), alugou um quarto no apartamento da família. Ivan se aproximou de Maiakóvski e passou a influenciá-lo ideologicamente:

Dava-lhe para ler o jornal Iskra (Centelha), obras de Lenin e Plekhanov; como um ativista, introduzia nas conversas com Volodia<sup>29</sup> um determinado esquema. Karakhanov lhe ensinava como tinha que esconder vestígios dos espiões, já que Volodia começara a cumprir algumas tarefas técnicas, seguindo ordens dos companheiros clandestinos: reunia apoios, guardava literatura ilegal.<sup>30</sup>

Apesar da precária condição financeira e do grande desinteresse pelo estudo devido a mesma condição, Maiakóvski leu intensamente literatura e filosofia, principalmente filosofia produzida por autores marxistas. Logo, estabeleceu-se um fascínio pelo marxismo, fazendo-o abandonar a literatura, e enxergar em Marx a mais entusiasmante obra de arte. Em 1908, aos quinze anos, toma a decisão de ingressar no PSDOR (facção bolchevista), para exercer a função de propagandista, ao mesmo tempo em que abandonava o ginásio. Conhecido como camarada Constantin, Maiakóvski foi eleito para o Comitê da cidade. No entanto, mal chegou a trabalhar e foi preso em 29 de março de 1908, mas solto ante caução. Novamente preso, portando um revólver, mas solto após um antigo amigo da família declarar que o revólver era dele. Mais uma prisão: junto aos inquilinos, Maiakóvski organizou uma passagem subterrânea para libertar mulheres condenadas a trabalhos forçados; após ser transferido de delegacia em delegacia, foi para a Butirki, cela individual número cento e três. Passou onze meses detido, período demasiadamente importante, pois leu tudo o que existia de mais recente e de mais clássico<sup>31</sup>;

---

<sup>28</sup> Ibidem, p. 29.

<sup>29</sup> Apelido de Vladímir Maiakóvski, em sua infância e adolescência.

<sup>30</sup> MIKHAILOV, 2008, p. 46.

<sup>31</sup> Leu autores como Byron, Shakespeare, Tolstoi e parou Ana Karenina, livro que não chegou, em toda a sua vida, a concluir.

escreveu poemas num caderninho, mas ao sair, sob responsabilidade de sua família, os policiais o tomaram, impossibilitando-o de publicar. Saiu perturbado por causa de seu futuro.<sup>32</sup>

Após uma difícil decisão, opta por sair do partido por acreditar que ficaria na ilegalidade e se dedica as artes, pois sente-se ignorante e pouco sensível esteticamente; se põe a estudar. Sente-se incapaz de escrever e começa a pintar. Em 1911, através de uma conexão com o então professor da Escola de Belas Artes de Moscou, S. Jukovski ingressa na mesma instituição, a única que o aceitou mesmo ciente dos seus antecedentes criminais.<sup>33</sup>

Maiakóvski inicia o estudo de pintura no momento de renovação das artes plásticas na Rússia. Artistas como Larionov e Gontcharova apresentavam telas não figurativas. Além do mais, poetas como Kamienski e Khlebnikov se interessavam por pintura, acompanhados de pintores como Malevitch e Rozanova que passam a escrever versos, conforme observado por Fernando Peixoto:

As duas atividades se manteriam ligadas por muito tempo, uma influenciando no desenvolvimento da outra. Os pintores russos começam a descobrir com entusiasmo os impressionistas europeus. Larionov promove em 1908 e 1909 exposições com quadros de Cézanne, Matisse, Van Gogh, Rouault, Braque e outros.<sup>34</sup>

Neste presente o cubismo atua na Europa como arte florescente, Picasso já expôs algumas de suas telas, os pintores e poetas russos formam grupos de vanguarda. Na escola de Belas Artes, Maiakóvski está indignado porque os pintores sem criatividade, os imitadores, são elogiados; já os pintores criativos e inovadores, são perseguidos. Logo, Maiakóvski conhece David Burliuk<sup>35</sup>, figura de extrema importância em sua vida. Certa noite, ao fugirem de um concerto<sup>36</sup>, Maiakóvski e Burliuk conversam sobre as artes clássicas e desse diálogo, surge o esboço do futurismo russo. No dia seguinte, Burliuk ao ouvir fragmentos de poemas que Maiakóvski escrevera, passa a enxergar como um poeta genial. A partir deste acontecimento, do impacto da opinião de um colega, Maiakóvski se sentiu de fato um poeta. Escreveu em sua autobiografia: “um epíteto assim grandioso e imerecido, aplicado a mim, me alegrou. Imergi inteiramente em versos. Nessa noite, de todo inesperadamente, eu me tornei poeta.”<sup>37</sup>

---

<sup>32</sup> PEIXOTO, 1978, p. 30.

<sup>33</sup> *Ibidem*, p. 31.

<sup>34</sup> *Ibidem*, p. 33.

<sup>35</sup> Para Maiakóvski um “verdadeiro mestre”.

<sup>36</sup> Em que se executava *A ilha dos mortos*, de Rachmaninov, uma das últimas figuras do estilo romântico da música erudita ocidental.

<sup>37</sup> MAIAKÓVSKI, 2017, p. 67.

Em 1912 Maiakóvski publica o seu primeiro grande sucesso, o poema Noite. No período em que seu camarada Burlíuk o incentivava financeiramente<sup>38</sup> e contribuía na ampliação de seu repertório literário, lendo obras dos franceses e alemães. Momento, aliás, em que os movimentos artísticos: cubismo e futurismo se entrelaçavam, especialmente a pintura e a poesia, através de figuras como Larinov e Gontcharova, (pintores), Kamienski e Khlebnikov, (poetas).<sup>39</sup>

Expulso da Escola Belas Artes, ao se envolver em debates, conferências e discursos, Maiakóvski se dedicará mais intensamente à escrita e se interessará pelo futurismo, mais especificamente pelo cubofuturismo<sup>40</sup>, tendo como referência, principalmente, Khlebnikov. Ainda em 1912, Maiakóvski, com a ajuda de Burlíuk, Kamiensveky e Krutchonik, escreveu um manifesto de cubofuturismo, com o título Uma Bofetada no Gosto do Público, no qual todo o passado literário é, agressivamente, condenado e negado<sup>41</sup>. Entrementes, Boris Schnaiderman, um dos principais estudiosos do poeta no Brasil, exprime que

o futurismo não foi para Maiakóvski qualquer coisa de superficial e adventício. Em seus lábios soava um apelo à derrubada das caducas fronteiras da arte burguesa – precisamente da arte decadente – uma palavra de ordem que exortava a criar a cultura artística do futuro.<sup>42</sup>

Logo, outros semelhantes manifestos são publicados, junto a adoção de poetas como Aleiev e Pasternak ao movimento cubofuturista. Neste momento, os cubofuturistas passeavam pelas ruas recitando versos, vestidos de roupas extravagantes, com os rostos pintados. Nos cafés, como o boêmio Cão Vadio<sup>43</sup> que ficava no porão da praça Mikhailovskaia, constituído por duas mesas bambas e banquetas quebradas que abrigavam no máximo cem pessoas, os cubofuturistas discutiam, recitavam poemas, bebiam e fumavam.<sup>44</sup>

Inicia-se, em 1914, a Primeira Guerra Mundial. O poeta a enxerga com grande ânimo, chega a se alistar, em vão, como voluntário, pois não é aceito em razão de seus antecedentes criminais. A partir da sucessão dos acontecimentos, entretanto, o poeta passa a rejeitá-la, a detestá-la. Viaja com os futuristas pelo território Russo, vai à Finlândia, onde se conscientiza

---

<sup>38</sup> O dava 50 copeques (moeda divisionária russa que corresponde à centésima parte do rublo) por dia para que pudesse sobreviver materialmente enquanto escrevia.

<sup>39</sup> PEIXOTO, 1978, p. 33.

<sup>40</sup> O futurismo, na Rússia, manifestou-se principalmente por meio de duas tendências, o egofuturismo e o cubofuturismo. O egofuturismo foi fundado em 1911, pelo poeta Igor Severianine. Já o cubofuturismo surgiu em 1910, a partir das obras de poetas como Khlebnikov e Kamienski.

<sup>41</sup> PEIXOTO, 1978, p. 33.

<sup>42</sup> SCHNAIDERMAN, 1984, p. 23.

<sup>43</sup> Oficialmente se chamava Sociedade Artística de Petersburgo.

<sup>44</sup> MIKHAILOV, 2008, p. 85.

em busca da Revolução<sup>45</sup>. Escreve os poemas A Mãe e o Crepúsculo Morto pelos Alemães e A Vocês!, poemas em que critica o envolvimento da Rússia na grande guerra. No poema A Vocês!, é evidente o ataque – de forma generalizada – aos burgueses que intencionavam, apenas, os despojos de guerra:

Vocês que vão de orgia em orgia, vocês  
Que têm mornos bidês e W.C.s,  
Não se envergonham ao ler os noticiários sobre a cruz de São Jorge<sup>46</sup> nos diários?  
Sabem vocês, inúteis, diletantes  
Que só pensam encher a pança e o cofre,  
Que talvez uma bomba neste instante  
Arranca as pernas ao tenente Pietrov?...  
E se ele, conduzido ao matadouro,  
Pudesse vislumbrar, banhado em sangue,  
Como vocês, lábios untados de gordura,  
Lúbricos trauteiam Sievieriânin!  
Vocês, gozadores de fêmeas e de pratos,  
Dar a vida por suas bacanais?  
Mil vezes antes no bar às putas  
Ficar servindo suco de ananás.<sup>47</sup>

Em julho de 1915 conheceu Lilia e Ossip Brik, casal que fará, profundamente, parte de sua vida. A 8 de outubro do mesmo ano é convocado, contra a sua vontade, para a guerra. Exerce a função de desenhista experimentado na Escola de Automobilistas de Petrogrado, unidade que servirá até a Revolução. Ossip torna-se seu grande amigo, tomando o lugar de Burluik como incentivador e financiador – o dá, também<sup>48</sup>, 50 copeques por dia; sua mulher, Lilia Brik, torna-se sua grande paixão e musa.<sup>49</sup>

A atenção de Maiakóvski, em 1916, é a sua grande paixão, Lilia, e os acontecimentos da – conhecida como – primeira guerra mundial. Elaboro os poemas A Guerra e o Mundo e o Homem. Aliás, momento em que vive grande tensão pessoal, chegando a perder completamente o equilíbrio emocional. Tenta, ineficazmente, suicídio. Fernando Peixoto, o biógrafo nacional

---

<sup>45</sup> PEIXOTO, 1978, p. 50.

<sup>46</sup> Condecoração da Rússia czarista, concedida por ato de bravura em campo de batalha.

<sup>47</sup> SCHNAIDERMAN, 2020, p. 121.

<sup>48</sup> Mesma quantia que Bruliuk o dava.

<sup>49</sup> PEIXOTO, 1978, p. 57.

do poeta, nos expões que ‘’ por trás de seu desejo de morte havia um imenso desejo de vida: de uma vida mais justa, feliz, tranquila.’’<sup>50</sup>

Maiakóvski junto aos futuristas, toma partido dos acontecimentos do início de 1917. O poeta chega a comandar, por alguns dias, a Escola de Motoristas, pois acreditava na vitória dos bolcheviques. Colaborou para isso, por meio de conferências sobre arte e bolchevismo: Os Bolcheviques da Arte. Além do mais, escreveu a crônica poética Revolução.<sup>51</sup>

Em 25 de outubro de 1917 o governo provisório é deposto. O poder do estado passou para o Soviete de deputados operários e soldados de Petersburgo. À Noite do mesmo dia, mesmo após os membros do governo provisório estarem fugidos, começa uma batalha sangrenta e o palácio de inverno é invadido. Jornais do período dizem que soldados e marinheiros invadiram o palácio cantando versos escritos por Maiakóvski<sup>52</sup>:

Come ananás, mastiga perdiz.

Teu dia está prestes, burguês.<sup>53</sup>

Após a tomada do poder pelos bolcheviques, inicia-se um breve período de guerra civil, de 1918 a 1921. Neste período, Maikóvski, além de produzir poemas, peças e roteiros de cinema e estudar intensamente, enxerga, com os futuristas, na Revolução, em termos culturais, o triunfo da arte nova e o fim do academicismo. De 1919 a 1921 passa a trabalhar na Rosta<sup>54</sup> desenhando cartazes e escrevendo para eles, sentia a necessidade de um empreendimento de agitação política, de uma importância sem igual para o delicado momento. O poema O Poeta-Operário, produzido em 1918, ilustra notadamente estes anos:

Grita-se ao poeta:

<<Queria te ver numa fábrica!

O que? versos? Pura bobagem!

Para trabalhar não tens coragem.>>

Talvez

ninguém como nós

ponha tanto coração

no trabalho.

Eu sou uma fábrica.

---

<sup>50</sup> Ibidem, p. 17.

<sup>51</sup> Ibidem, p. 76.

<sup>52</sup> Ibidem, p. 78.

<sup>53</sup> MAIAKÓVSKI, 2020, p. 135.

<sup>54</sup> Agência Telegráfica Russa.

E se chaminés  
me faltam  
talvez  
sem chaminés  
seja preciso  
ainda mais coragem.  
Sei.  
Frases vazias não agradam.  
Quando serraís madeira  
é para fazer lenha.  
E nós que somos  
senão entalhadores a esculpir  
a tora da cabeça humana?  
Certamente que a pesca  
é coisa respeitável.  
Atira-se a rede e quem sabe?  
Pega-se um esturjão!  
Mas o trabalho do poeta  
é muito mais difícil.  
Pescamos gente viva e não peixes.  
Penoso é trabalhar nos altos-fornos  
onde se tempera o ferro em brasa.  
Mas pode alguém  
acusar-nos de ociosos?  
Nós polimos as almas  
com a lixa do verso.  
Quem vale mais:  
o poeta ou o técnico  
que produz comodidades?  
Ambos!  
Os corações também são motores.  
A alma é poderosa força motriz.  
Somos iguais.  
Camaradas dentro da massa operária.  
Proletários do corpo e do espírito.  
Somente unidos,

somente juntos remoçaremos o mundo,  
fá-lo-emos marchar num ritmo célere.  
Diante da vaga de palavras  
levantemos um dique!  
Mãos à obra!  
O trabalho é vivo e novo!  
Com os aradores vazios, fora!  
Moinho com eles!  
Com a água de seus discursos  
que façam mover-se a mó.<sup>55</sup>

Apesar do entusiasmo de Maiakóvski com a Revolução, o teórico e revolucionário Trotski, diferenciou com clareza, o revolucionário do futurista. Para Trotski, os futuristas

não passavam, no melhor sentido, de companheiros de viagem. Mesmo os mais politizados, como Maiakóvski, certamente ainda tinham confusões sobre um fato objetivo: a Revolução ainda não é o reino da liberdade, ela apenas leva ao mais alto grau o reino da necessidade. É preciso, portanto, não confundir arte revolucionária com arte sobre a Revolução.<sup>56</sup>

Todavia, para os jovens Maiakóvski era a representação máxima do revolucionário. A exemplo da visita que Lenin fez, em 1921, a um corpo social de jovens pintores entusiasmados – em situação de fome e péssimas condições materiais – e ao interrogá-los sobre o que liam, responderam sem reflexão: ‘‘o gigante da blusa amarela’’<sup>57</sup>.

Ao analisarmos o capítulo O Suicídio de Maiakóvski, de Literatura e Revolução, de Leon Trotski, percebemos a deficiência biográfica do autor. Trotski afirma que Maiakóvski não era um revolucionário ‘‘porque dela (revolução) não se aproximou nos duros anos de preparação clandestina.’’<sup>58</sup> No entanto, notamos anteriormente que Maiakóvski ainda muito jovem não só se aproximou do trabalho clandestino, como trabalhou duramente para ele.

Em 1923 é criada a revista Lef (Frente de Esquerda), por Maiakóvski. Era formada por futuristas e representava os artistas que se identificavam com governo. Sobreviveu dois anos e publicou sete volumes.<sup>59</sup> Mais tarde retornaria, em 1927, como Nóvi Lef (Nova Frente de Esquerda). Além do mais, neste mesmo período o poeta escreveu o longo poema Sobre Isto,

---

<sup>55</sup> GUERRA, 1956, 147.

<sup>56</sup> PEIXOTO, 1978: p. 82.

<sup>57</sup> Maiakóvski era apelidado assim, devido a sua estatura e a camiseta amarela que usava, buscando representar o sol da Geórgia no traje.

<sup>58</sup> TROTSKY, 2007, p. 185.

<sup>59</sup> PEIXOTO, 1978, p. 124.

um de seus poemas mais conhecidos, claramente por motivos pessoais, no qual ele expressa a sua crítica ao cotidiano burguês e o seu sofrimento por estar, actualmente, longe de Lili, o seu complexo amor:

– Sob a bandeira vermelha!

Marchem!

Sobre o cotidiano!

Através do cérebro do homem!

Através do coração da mulher! –<sup>60</sup>

Além do mais, Maiakóvski publicou o artigo *Agitação e Publicidade*, na revista *Camarada Tieriéntil de Iecatierinbutgo* número 14, em 10 de junho de 1923. No artigo, o poeta exaltou a força da agitação e publicidade, nos tempos de clandestinidade antes da revolução e após a criação da NEP<sup>61</sup>, utilizada para “a popularização das organizações estatais e proletárias, das organizações e dos produtos, todas as armas empregadas pelos inimigos, inclusive a publicidade.”<sup>62</sup> Finaliza o artigo enunciando que a publicidade deve ser utilizada em pró do bem-estar do proletariado.

O poema *Lenin* é concluído em 1924, Maiakóvski o leu em assembleias operárias e fábricas, com o objetivo de disseminar, cada vez mais, a arte para as massas. Continua trabalhando, acredita que a poesia é construída por meio de trabalho, revisão, método, que o trabalho do poeta não é tão diferente do operário. Viaja por países da Europa e América do Norte em 1925, produz prosas jornalísticas e poemas.<sup>63</sup>

Em 1926 Maiakóvski se dedica ao jornalismo, escreve nos jornais *Izviéstia* (Notícias), *Trud* (O Trabalho), *Rabótchaia Moscvá* (Moscou Operária), *Zariá Vostoka* (Aurora do Oriente) e *Bakínski Rabótchi* (Operário de Baku), prosa e verso. Viaja pela União Soviética, de cidade em cidade, lendo versos e produz um tratado teórico, no qual considera a poesia como uma indústria e o poeta como um operário. Num momento extremamente decisivo politicamente, com a disputa entre Trotski e Stálin.<sup>64</sup>

Como havíamos observado, em 1927 Maiakóvski retoma com a *Lef*, agora *Nova*; contra a ficção, o esteticismo e o psicologismo; pró agitação, jornalismo qualificado e crônica.

---

<sup>60</sup> MAIAKÓVSKI, 2018, p. 62.

<sup>61</sup> Sigla de Nóvaia Economícheskaia Política (Nova Política Econômica)

<sup>62</sup> SCHNAIDERMAN, 1984: p. 127.

<sup>63</sup> PEIXOTO, 1978, p. 155.

<sup>64</sup> *Ibdem*, p. 161.

Neste presente, está trabalhando para o órgão Juventude Comunista (onde trabalhará até sua morte) e produzindo roteiros de cinema e livros infantis, além de trabalhar em seus versos.<sup>65</sup>

Em plena comemoração dos dez anos de Revolução, os ataques à Maiakóvski são constantes, acusado de incompreensível às massas.<sup>66</sup> Mas se defende por meio de sua arte, por meio de poemas como *Incompreensível Para as Massas*, atacando os medíocres intermediários que se colocam entre a arte e o povo. Maiakóvski acreditava, diferentemente dos que o atacavam, que as massas, o povo, necessitavam de educação, de um aprimoramento de sua sensibilidade, para desfrutarem do mais belo que a arte pode oferecer. E não o contrário, não a arte descer ao nível da ignorância para atender as demandas do povo, como os medíocres burocratas desejavam.

O revolucionário e teórico Trotski é derrotado, junto a sua teoria da revolução permanente, e exilado, em 1928. Ano em que Maiakóvski se desliga do movimento futurista e renuncia à *Nóvi Lef*, incerto de seu trabalho estético. Adere à Associação Russa de Escritores Proletários (RAPP), na condição de subverter todo o seu passado estético para aderir, portanto, ao Realismo Socialista. Vai à Paris e se apaixona por uma nova mulher, a russa emigrada Tatiana Iacovleva.<sup>67</sup>

O ano de 1929 caracterizou-se pelo primeiro Plano Quinquenal, que estabilizou parte da economia soviética. Maiakóvski o recebeu com entusiasmo. Entretanto, é o ano que Maiakóvski ataca a burocracia por meio do teatro, a partir de uma de suas principais peças teatrais, *O Percevejo*, que é encenada no mesmo ano.<sup>68</sup>

Em anotação taquigráfica de 27 de março de 1930, Maiakóvski queixa-se da repercussão negativa que sua peça *Os Banhos* recebeu. Exprime: “ não me inquieto com o fato de que meu trabalho possa ser anulado.”<sup>69</sup> Aceitava ser criticado, reconhecia os possíveis erros no campo do teatro, mas não tolerava que seu trabalho fosse anulado.

No mesmo mês, Maiakóvski escreveu *À Plena Voz*, poema em que o poeta buscou a síntese da representação do seu papel histórico no processo revolucionário, além de exaltar o

---

<sup>65</sup> PEIXOTO, 1978, p. 175.

<sup>66</sup> *Ibidem*, p. 176.

<sup>67</sup> *Ibidem*, p. 180.

<sup>68</sup> *Ibidem*, p. 182

<sup>69</sup> SCHNAIDERMAN, 1984, p. 257.

seu orgulho socialista, e prever o impacto dos seus versos no futuro, quase que prevendo o que iria acontecer em breve:

Respeitáveis camaradas  
Herdeiros e descendentes!  
Deste tempo revolvendo  
as fezes petrificadas,  
estudando estes nossos dias trevosos,  
talvez  
não saibas  
quem fui eu.  
Talvez,  
esmiuçando os problemas de hoje,  
exibindo erudição,  
um sábio  
um cantor d'água fervida,  
inimigo ferrenho  
d'água da bica.  
Professor!  
Tire esses óculos-bicicletas!  
Eu mesmo falarei  
de meu tempo  
e de mim.  
Eu, inspetor sanitário,  
carregador d'água,  
fui chamado, mobilizado  
pela Revolução,  
parti para o front,  
para longe dos jardins senhoriais da poesia,  
caprichosa dama.  
Ela tinha um belo jardim:  
água,  
ar,  
um coração,  
um leito.  
<<Desci a meu jardimzinho

Para colher o rosmaninho.>>

Tais versos –

frisados a Mitreikas

cacheados a Krureikas –

jorram de algumas bocas,

em outras são como baba.

Que o diabo os leve!

Aos suspiros não dão tréguas,

bandolinam às sacadas:

Tara-tina, tara-tina,

tem...

Pouco honroso seria,

se entre tais rosas

minhas estatua surgisse,

na praça

onde cospem tuberculosos,

a meretriz,

a sífilis.

Eu,

de Agitprop

tenho a boca repleta.

Poderia fornecer-vos

romances aos metros;

seria mais fácil

e pagam melhor.

Mas, eu me continha,

pisando a garganta

de minha própria canção.

Escutai,

camaradas herdeiros,

ao agitador,

ao locutor em chefe!

Abafando

a torrente de poemas,

passarei por cima

de líricos livrinhos,

para falar aos vivos  
como se vivo fosse.  
Chegarei até vós  
no comunismo longínquo,  
mas não  
como os cantores saudosistas  
à moda de Essênin.

Meu verso chegará  
através do cume dos séculos,  
por cima das cabeças  
de poetas e governos.

Meu verso chegará,  
não como chega a seta lírica de Cuipido,  
nem como velha moeda  
às mãos do numismata,  
nem como a luz  
das estrelas extintas.

Meu verso  
com esforço  
irromperá  
de sob o peso dos anos  
e grosseiro,  
pesado,  
gritante,  
há de chegar,  
como a nossos dias chegou  
o aqueduto de Roma,  
tal como o fizeram os escravos.  
Entre pilhas de livros,  
túmulos de poemas,  
ao descobrir  
o ferro de minhas estrofes,  
vós, com respeito, as apalpareis,  
como a velhas armas,  
perigosas.  
Eu,



planeta proletário.  
Todo inimigo  
da classe operária  
é desde muito  
meu inimigo jurado.  
Tivemos  
sob a bandeira vermelha,  
anos de sacrifício,  
dias de fome.  
Mas,  
cada tomo de Marx,  
nós o abríamos  
como se fossem janelas,  
e, mesmo sem ler,  
saberíamos  
onde ficar,  
de que lado lutar.  
Nós,  
a dialética,  
não aprendemos em Hegel.  
No fragor dos combates  
entrava-nos ela  
pelos versos,  
enquanto  
sob nossas balas,  
os burgueses fugiam,  
como nós deles  
fugíamos outrora.  
Que atrás do gênio,  
como viúva inconsolável,  
a glória se arraste,  
acompanhando o enterro.  
Morre, verso meu,  
morre como um soldado raso,  
anônimo como tantos  
tombados num assalto.

Pouco me importa  
o bronze dos monumentos!  
Rio-me  
do fulgor frio dos mármore!  
Partilhar a glória?  
Aqui  
entre nós:  
tenhamos por único  
monumento coletivo,  
edificado  
por todos,  
o socialismo.  
Herdeiros,  
arrolhai vossos dicionários,  
para que  
do Lete dos léxicos  
não saiam  
detritos de palavras tais como  
<<prostituição>>,  
<<tuberculose>>,  
<<bloqueio>>.  
Para vós,  
herdeiros,  
ágeis e robustos,  
o poeta limpou  
os escarros tísicos,  
com a língua áspera dos cartazes.  
A cauda dos anos  
Dar-me-á o aspecto  
De um fóssil fenomenal  
de longa cauda.  
Camarada vida,  
a trote, mais rápido,  
marchemos mais rápido,  
ao fim dos dias quinquenais.

A mim,  
nem um vintém sequer  
os versos jamais me deram,  
jamais ganhei mobília  
do ebanista.  
E salvo  
duma camiseta fresca,  
sinceramente,  
não preciso de nada.  
Diante  
do C.C.C.  
dos anos claros  
do futuro,  
acima  
dos finórios  
e trapaceiros do verso,  
levantarei  
qual uma carteira bolchevique  
todos os cem tomos  
de meus livros partidários!<sup>70</sup>

No dia 14 de abril de 1930, às 10 horas e 15 minutos, Maiakóvski, dispara uma bala de revolver em seu próprio coração. O poeta, em meio à repressão artística, as paixões desgovernadas, torna-se vítima de si mesmo e do sistema em que estava inserido. Aliás, coincidentemente, 1930 foi o ano de declínio artístico, em que os padrões artísticos são rebaixados à mediocridade em nome do socialismo.<sup>71</sup> Enfim, ano de repressão, no qual os ideias marxista-leninistas, que exaltam a liberdade de pesquisa, são traídos.

Ao analisarmos historicamente a vida do poeta, identificamos nas suas práticas sociais, sobretudo para a revolução, como a de um intelectual, um intelectual orgânico, categoria amplamente trabalhada por Antonio Gramsci. De acordo com o marxista italiano, um intelectual orgânico é um construtor, organizador, persuasor permanente, orador, que compreendendo a concepção humanista da história, eleva-se a dirigente, efetiva a práxis. Para Gramsci, ‘’todos

---

<sup>70</sup> GUERRA, 1956, p. 210.

<sup>71</sup> PEIXOTO, 1978, p. 218.

os homens são intelectuais, poder-se-ia dizer então; mas nem todos os homens desempenham na sociedade a função de intelectuais’’.<sup>72</sup>

Maiakóvski, como produtor de arte, parte do mais alto grau de intelectualidade, utilizou sua arte, a poesia, como prática para a conscientização das massas, declamou a sua arte em ambientes públicos em busca, quase sempre, da hegemonia socialista, bolchevique. Portanto, trabalhou no campo das superestruturas para que houvesse condições para a instalação do poder bolchevique. Ao nosso entender, o poeta foi seguramente um agente decisivo para a tomada de poder pelo partido.

## 2.2. Movimentos Artísticos contemporâneos à Maikóvski

Para melhor compreendermos o papel artístico de Vladimir Maiakóvski, entendemos necessário um breve apanhado dos movimentos artísticos e literários que dialogaram com o poeta no momento de sua produção. Além disso, ‘‘convém lembrar que, antes da Revolução, a Rússia estava muito próxima do Ocidente cultural’’<sup>73</sup>.

Os movimentos modernistas iniciaram-se com a publicação do Manifesto do Futurismo, escrito por Filippo Tommaso Marinetti, precursor do futurismo italiano, em 20 de fevereiro de 1909, no periódico *Le Figaro* de Paris. Após o primeiro manifesto, seguiram-se diversas publicações, sobretudo entre 1910 e 1913<sup>74</sup>, nos quais os futuristas defendiam a latente necessidade de se renovar as artes. Por meio desses escritos, podemos assimilar a essência do movimento futurista, composto pela crítica à arte tradicional<sup>75</sup>, defendendo uma estruturante renovação artística, associada, aliás, a transformações no campo político.

Os manifestos, portanto, estabeleceram-se, por excelência, do movimento futurista, conforme salientado por Juscelino:

Marinetti era dotado de um grande talento para expor suas ideias iconoclastas de modo atraente e agressivo sob esta modalidade. Seu exemplo foi seguido por vários outros artistas que trouxeram prestígio ao movimento, dentre os quais podemos destacar os

---

<sup>72</sup> GRAMSCI, 1979, p. 7.

<sup>73</sup> SCHNAIDERMAN, 1984, p. 19.

<sup>74</sup> Os manifestos eram sobre pintura, música, dramaturgia, escultura, cinema e literatura, cujo princípio norteador era a necessidade de inovação, no campo dos materiais, das técnicas, temas e motivos tradicionais.

<sup>75</sup> Os futuristas propunham mudanças radicais no campo das artes com a incorporação de ruídos de rua, gritos e estrondos que serviriam como base para composições musicais.

nomes de Apollinaire e Wyndma Lewin. Outros artistas, inicialmente ligados à escola de escritores florentinos, como Papini se converteram ao movimento futurista.<sup>76</sup>

Os manifestos redigidos pelos futuristas italianos tinham intensa predisposição ao nacionalismo, o que facilitou a sua conexão com o movimento fascista. Em março de 1919, Marinetti, Vecchi, dentre outros futuristas, participaram da fundação dos fasci de combattimento: equipes de combate que formariam o partido fascista. E em abril do mesmo ano, os futuristas e arditi<sup>77</sup> formaram as forças fascistas que atacaram o jornal socialista Avanti, em Milão.<sup>78</sup> Marinetti, portanto, via no futurismo um meio para gerar uma raça de heróis e gênios italianos.

O futurismo e o fascismo mantiveram-se relacionados durante muito tempo no imaginário europeu. Entretanto, se por um lado o futurismo não se constituiu como arte oficial do fascismo, Marinetti nunca esteve desvinculado do partido e de Benito Mussolini<sup>79</sup>, seu amigo. Além disso, o fascismo nunca assimilou por completo o futurismo, apesar de ter se apropriado de muitas ideias do movimento, especialmente a agitação em locais públicos e o patriotismo em overdose.

Marinetti, no entanto, afirmou que conforme o desenrolar dos acontecimentos, o movimento fascista acabou afastando de seus princípios do período de militância de rua, o que teria sido determinante para um afastamento.

A saída de Marinetti e Carli dos fasci de combattimento, em maio de 1920, deveu-se, em grande parte, à política prática e a necessidade de transgredir a respeito das questões relativas à monarquia e a igreja. Entretanto, quatro anos depois, em 1924, Marinetti escreveu Futurismo e fascismo onde reuniu discursos e relatos deste tempo deixando claro que as diferenças haviam sido acertadas e ele se empenhava em apresentar o futurismo como precursor e parceiro do fascismo.<sup>80</sup>

Os futuristas italianos defendiam a subversão de museus e bibliotecas para que o passado e a tradição não tivessem continuidade; atacavam, aliás, os artistas clássicos que representavam o período que deveria ser desmemoriado. Proclamavam um novo tempo, em que o passado e tudo o que remetesse à contemplação e a admiração perdida no tempo, estivesse

---

<sup>76</sup> RIBEIRO, 2001, p. 49.

<sup>77</sup> Tropa de assalto de elite do exército italiano na Primeira grande Guerra. O nome deriva do verbo Ardire, o que significa “os mais ousados”.

<sup>78</sup> RIBEIRO, 2001, p. 49.

<sup>79</sup> Benito Almicare Andrea Mussolini (1883-1945) foi um político italiano que liderou o Partido Nacional Fascista, reconhecido como uma das principais figuras do fascismo. Mussolini compartilhou e se apropriou de muitas ideias defendidas pelos futuristas, tais como a agressividade contra a burguesia e a resolução de problemas econômicos com a venda de obras de arte – de encontro aos futuristas que estimavam a destruição de museus e galerias de arte.

<sup>80</sup> RIBEIRO, 2001, p. 50.

abolido. Ressaltavam em exagero o presente que traria consigo elementos do futuro, esquecendo tudo aquilo que era clássico, inaugurando um novo tempo que se configurava pelo movimento, velocidade e ruptura. Portanto, a proposta dos futuristas italianos era a de esquivar-se de toda a cultura que os prendia ao passado, a aquilo que estava consolidado, instituído. O futurismo italiano, logo, era deslumbrado pela velocidade, pela máquina, pela eletricidade que, “para eles, substituiria a luz romântica da lua inspiradora dos velhos poetas.”<sup>81</sup> Esse ideal representava um novo período histórico, no qual o poste de luz elétrica empalideceria o brilho da lua, que representava a poética romântica.

Esse mesmo ideal encontrou muitos adeptos em muitos outros países europeus, especialmente na Rússia, devido a organização de artistas por parte de Marinetti, que tinha uma marcante habilidade propagandística e um gosto por viagens longas que contribuíram para a divulgação do movimento:

Por vezes, tem-se frisado as diferenças entre o futurismo russo e o italiano. Não é muito exato, porém, negar a influência do italiano para o surgimento do russo, conforme se fez com certa frequência. No ambiente tumultuoso da arte europeia da primeira década do século, o aparecimento de Marinetti e de seu manifesto repercutiu profundamente, suscitando ecos os mais diversos e desencadeando um processo de atração e repulsão que se torna as vezes difícil de precisar.<sup>82</sup>

O futurismo russo fez-se em duas vertentes principais: o egofuturismo e o cubofuturismo. Deter-nos-emos especialmente no cubofuturismo, destacando em poucas palavras o egofuturismo.

Elaborado por Ígor Sievieriánin em novembro de 1911, o egofuturismo, retomava recursos decadentes e esgotados. “Sievieriánin, que Khliébinikov chama em seu livrinho de apontamentos de ‘Ígor Ussipliánin’ (Ígor, o Adormecedor) escrevia poemas amaneirados, encharcados de vocábulos estrangeiros altissonantes, de expressões do ‘beau monde’, de termos de perfumaria”.<sup>83</sup>

Tinha muito pouco ou nada em comum com o futurismo e sua cultura poética, embasava-se na cultura literária do final do século XIX, repleta de temas transitórios e sentimentais. Entretanto, os seus versos (de Ígor Ussipliánin) possuíam uma musicalidade insinuante, narcótica, especialmente na expressão dos automóveis, dos primeiros carros à

---

<sup>81</sup> Ibidem, p. 52.

<sup>82</sup> SCHNAIDERMAN, 1984, p. 23.

<sup>83</sup> RIPELLINO, 1971, p. 14.

motor. Fenômeno esse que explica a influência exercida sobre os poetas de seu tempo, sobretudo de Maiakóvski que, por mais que o escarnecesse, conhecia suas estrofes de cor.<sup>84</sup>

O cubofuturismo, a outra vertente do futurismo russo, surgiu em abril de 1910, com a publicação do manifesto *Sadók sudiéi* (O Viveiro dos árbitros) escrito por Vielímir Khliebnikov, David e Nocolai Burlíuk, Vassíli Kamiênski e Elena Guro. Em sua origem, o grupo intitulou-se “Guiléia”, antigo nome da região em volta de Kherson, de onde vieram os irmãos Burlíuk. Portanto,

assim, desde o início os cubofuturistas, que Khliébnikov quis batizar com a palavra russa “budietliane” (de “budu”, futuro de “bit” = ser), revelaram o seu amor pelas civilizações remotas e pelos fatos mitológicos.<sup>85</sup>

No entanto, o nome de “futuristas” foi-lhes dado pelos que os atacavam, mas eles o aceitaram, muito embora preferissem o termo cunhado por Khliébnikov.<sup>86</sup>

O movimento abriu-se com David Burlíuk, monóculo e pai do futurismo russo, como ele mesmo se definiu; Vassíli Kamiênski, jovem e infantil, construtor do primeiro planador russo, nomenclaturado de “Rúski aerokhód” (caminhador aéreo russo); e especialmente o excêntrico, pobre e maltrapilho, Khliébnikov.

Khliébnikov, passou grande parte de sua vida vagando pela Rússia. Recordava um grande pássaro dos pântanos, devido ao seu bizarro hábito de ficar ereto sobre apenas um pé. Vestido de farrapos, escrevia os seus versos em um livro de contas comerciais e usava o forro do capuz como caderneta de notas. Acerca de sua presença, corriam diversas anedotas, especialmente sobre o seu desejo de conhecer a Ásia, idealizada desde a infância, que o fez caminhar para o Irã. Chegando ao território, alimentou-se daquilo que o mar deixava sobre as praias. Na cidade Bandar-e Anzali, vendeu suas roupas para comprar comida, mas encontrando-se com uma mulher em estado de rua, doou-lhe todo o dinheiro da venda, resultando em vestir-se com um saco.

Em outras ocasiões,

Khliébnikov concebeu toda uma série de utopias e invenções, não menos estranhas do que as dos acadêmicos de Lagado nas Viagens de Guílliver. Trabalhou na criação de uma linguagem universal e na pesquisa de correspondências numéricas entre os acontecimentos históricos; sugeriu que se introduzisse os símios na família do homem, dando-lhes o direito de cidadania; propôs que se reservasse a Islândia como o único lugar para as guerras e que se resolvesse o problema da alimentação fervendo

---

<sup>84</sup> *Ibidem*, p. 15.

<sup>85</sup> *Idem*.

<sup>86</sup> SCHNAIDERMAN, 1984, p. 23.

os lagos cheios de peixes e transportando depois esta sopa, congelada, para diversos pontos da terra. Sonhou com a transmissão, a distância de exposições artísticas e com a construção de uma ferrovia circum-Himalaia, com prolongamentos em Suez e na península de Málaca: pregou a constituição de uma sociedade de 317 “Presidentes do Globo Terrestre” e precedendo os projetos dos construtivistas, imaginou os edifícios futuros como grandes volumes de vidro.<sup>87</sup>

Khliébnikov exerceu grande influência sobre Maiakóvski, que o via como um mártirio pela ideia poética. Sua estreia (de Maiakóvski) no cenário artístico russo verteu vigor ao grupo dos cubofuturistas. Maiakóvski, logo, contribuiu com a publicação de diversos manifestos cubofuturistas, dentre eles: Sadók sudiéi II (O viveiro dos juízes II, 1913), Triébnik Troíkh (O Missal dos três, 1913), Molokó Kobílitz (Leite das éguas, 1914).

Nas fotografias e versos do período futurista, Maiakóvski representava, com a sua famosa camiseta amarela, uma espécie de herói, semelhante aos personagens de filmes e seriados, dos cinedramas, daquele período. Para Ripellino, o poeta da Revolução formou-se sob a influência do cinema.

Para Maiakóvski, o futurismo não foi qualquer coisa supérflua:

Em seus lábios, soava como um apelo à derrubada das caducas fronteiras da arte burguesa – precisamente da arte decadente – uma palavra de ordem que exortava a criar a cultura artística do futuro. “Por incômodo que seja à iconografia, Maiakóvski não foi simplesmente um futurista, mas o fundador do futurismo russo”.<sup>88</sup>

As peripécias deste movimento foram, em grande parte, compostas por sucessivas noitadas hilariantes, de estrondosos debates e de recitais que incitavam o tumulto. Exemplo discriminativo foi a inauguração do cabaré futurístico, realizada em 19 de outubro de 1913, em Moscou, durante a qual Maiakóvski recitou os versos do poema Nate! (Tomem isto!), no intuito de incomodar os espectadores burgueses, ou a noite de fevereiro de 1915, no cabaré “Brodiátchaia sobaka” (o cão errante), em Petrogrado<sup>89</sup>, no qual Maiakóvski causou protestos e tumultos com a poesia Vam! (A vós!) que denunciava os especuladores da guerra.<sup>90</sup>

De dezembro de 1913 a março de 1914 os cubofuturistas realizaram uma extensa tournée, na qual recitavam versos e faziam conferências por toda a Rússia. Neste ínterim, chegou a Rússia Marinetti, onde pronunciou três conferências em Moscou (27-28 de janeiro, 3 de fevereiro) e duas em Petrogrado (1-4 fevereiro). No entanto, pouco antes de sua chegada, o pintor

---

<sup>87</sup> Ibidem, p. 16.

<sup>88</sup> SCHNAIDERMAN, 1984, p. 23.

<sup>89</sup> Após o colapso da União Soviética, em 1991, a cidade voltou a chamar-se São Petersburgo.

<sup>90</sup> RIPELLINO, 1971, p. 23.

cubofuturista, Mikhail Larionov, declarou ao jornal de Moscou que era inescusável recebê-lo com ovos podres, pois traía as noções que ele mesmo divulgou.<sup>91</sup>

Poucos futuristas homenagearam Marinetti em seu período na Rússia, conforme observado por Ripellino:

O próprio Maiakóvski enviou, com dois companheiros, ao jornal Nov (Terra virgem), uma carta que se negava qualquer relação com o futurismo italiano, a não ser o urbanismo manifestado por este (O.C. I, 369), não é menos certo que uma série de características passaram do futurismo italiano para o russo: o próprio título do manifesto deste, "Bofetada no gosto público", era de sabor nitidamente marinettiano, o apelo à destruição dos museus, as bravatas sobre a exclusão de Púchkin, Tólstoi, Dostoiévski, etc. da literatura, o comportamento desafiador dos futuristas russos, suas vestes escandalosas e seus rostos pintados, a exaltação do movimento e da máquina, são outros tantos elementos que mostram bem a relação entre eles<sup>92</sup>.

Apesar disso, Ripellino afirma que existiam poucas semelhanças entre os futurismos russos e italianos:

Entremeada de temas primitivos e asiáticos, e imersa sempre num clima de paganismo eslavo, os escritos de Khliébnikov e de Kamiênski estão em contraste direto com as páginas dos futuristas italianos. As pesquisas obstinadas nos cunículos de linguagem, a aversão pela guerra e pelos preconceitos imperialistas, a nota de revolta social e o colorismo desinibido das imagens davam um caráter inteiramente original às criações dos cubofuturistas. As fórmulas crepitosas de Marinetti não encontraram seguidores entre os poetas russos, embora seus manifestos de teatro tenham tido boa repercussão entre os diretores de vanguarda após a revolução.<sup>93</sup>

Enquanto o futurismo italiano pregava palavras de liberdade, os futuristas russos empreendiam uma revolução da linguagem, que se baseava numa libertação dos cânones artificiais, numa investigação dos reais processos linguísticos, enfim, na elaboração de um sistema que se distanciava do tradicional e ultrapassado, mas um sistema que se queria sempre coerente e organizado. Neste sentido, Schnaiderman caracteriza a linguagem de Marinetti emotiva, não poética.

No entanto, em meio as grandes polêmicas dos futuristas, especialmente em 1915, Maiakóvski declarou que não se prendia ao futurismo como a um ídolo, pois o desafio à burguesia e o visual extravagante eram processos indispensáveis da busca por uma arte do futuro. No artigo "Uma gota de fel", do mesmo ano, o poeta declara que todos são futuristas, mas o futurismo morreu como ideia e que não é mais necessário, considerando concluída a primeira parte do plano, a destruição.

---

<sup>91</sup> Idem.

<sup>92</sup> SCHNAIDERMAN, 1984, p. 24.

<sup>93</sup> RIPELLINO, 1971, p. 25.

Entretanto, ulteriormente a declaração permaneceu a se anunciar futurista, e continuou essa a sua posição mesmo após Revolução de Outubro:

O futurismo era para ele uma bandeira, e ainda em 1923 ressaltava a importância de se conservar o uso do termo, pois em torno dele se congregavam os que partilhavam a atitude agressiva em torno e inovadora de Maiakóvski, no campo da arte.<sup>94</sup>

Posteriormente, Maiakóvski fez uma conferência em Nova York, nos Estados Unidos, cujo resumo foi publicado no *Nóvi Mir* (Novo Mundo), jornal russo daquela cidade, em 4 de outubro de 1925, na qual considerava que o futurismo já havia cumprido o seu papel e precisava transferir a sua posição artística para a Lef, ao construtivismo. Portanto, não mais celebrar a técnica e autêntica e tosca, mas sim a organização racional. Quer dizer, Maiakóvski passou a negar e lutar contra o futurismo, pois acreditava que o futurismo e a edificação soviética não podiam mais avançar juntas.<sup>95</sup>

Para Maiakóvski, portanto, o futurismo era uma etapa necessária do processo que culminaria no estabelecimento do socialismo, conforme escreveu em sua Carta Aberta aos Operários, de 15 de março de 1918, publicada no *Jornal dos Futuristas* (*Gazeta futuristov*): “A revolução do conteúdo – socialismo e anarquismo – é inconcebível sem a revolução da forma: o futurismo.”<sup>96</sup>

O poema *Ordem N° 2* dedicado ao Exército das Artes, escrito em 1921, representa claramente a compreensão da revolução social atrelada à artística:

A vós  
– barítonos redondos –  
cuja voz  
desde Adão até à nossa era  
nos atos buracos chamados teatros  
estronda o ribombo lírico de árias  
A vós  
– pintores –  
cavalos cevados,

---

<sup>94</sup> SCHNAIDERMAN, 1984, p. 26.

<sup>95</sup> Idem.

<sup>96</sup> Ibidem, p. 120.

rumino-relichante galardão eslavo,  
no fundo dos estúdios, cediços como dragos,  
pintando anatomias e quadros de flores.

A vós

rugas na testa entre fólios de mística

– microfuturistas,

- imagistas,

- acmeístas –

emaranhados no aranhol das rimas

A vós –

descabelando cabelos bem-penteados,

barganhando escarpins por soldados,

vates do Proletcult,

remendões do fraque velho de Púchkin.

A vós –

bailadores, sopradores de flauta,

amolecendo às claras

ou em furtivas faltas,

e figurando o futuro nos termos

de um imenso quinhão acadêmico.

A vós todos

eu –

que acabei com berloques e dou duro na Rosta –

gênio ou não gênio, tenho

a dizer: basta!

Abaixo com isso,

antes que vos abata o coice dos fuzis.

Basta!

Abaixo,  
cuspi,  
no rimário,  
nas árias,  
nos róseos açafates  
e mais minicolias  
do arsenal das artes.  
Quem se interessa  
por ninharias  
como estas: ‘‘Ah pobre coitado!  
Quanto amou sem ter sido amado...’’?  
Artífices,  
é o que o tempo exige,  
e não sermonistas de juba.  
Ouvi  
o gemido das locomotivas,  
que lufa das frinchas, do chão:  
‘‘Dai-nos, companheiros,  
Carvão do Don!  
Ao depósito, vamos,  
Serralheiros,  
mecânicos!’’  
À nascente dos rios,  
deitados com furos nas costas,  
– ‘‘Petróleo de Baku!! – pedem navios  
uivando nas docas.  
Perdidos em disputas monótonas,  
buscamos o sentido secreto,

quando um clamor sacode os objetos:

“Dai-nos novas formas!”

Não há mais tolos boquiabertos

esperando a palavra do “mestre”.

Dai-nos, camaradas, uma arte nova

– nova –

Que arranque a República da escória.<sup>97</sup>

Em 1922 Maiakóvski afirma que pela primeira vez a Rússia, e não a França, que chegou a um novo termo, o construtivismo. O construtivismo representava trabalhos artísticos que buscavam apresentar a imaginação da nova sociedade industrial.<sup>98</sup> Khliébnikov, em 1914, já escrevera utopias futuristas, nas quais havia representações da natureza, edificações humanas e poesia. De maneira análoga, os artistas soviéticos revolucionários, em meio as guerras civis, que foram de 1918 a 1921, sonhavam com um futuro industrial e construtivo. Neste sentido, é extremamente representativo o final da, já referenciada, Carta Aberta aos Operários:

A ninguém é dado saber que imensos sóis hão de iluminar a vida futura. Talvez os pintores transformem a poeira cinzenta das cidades em arco-íris centícores, talvez das cumieiras das montanhas então ressoe sem cessar a música tonitroante dos vulcões transformados em flautas, talvez obriguemos as ondas dos oceanos a ferir as cordas das redes estendidas entre a Europa e a América. Uma coisa está clara para nós: fomos nós que inauguramos a primeira página da novíssima história das artes.<sup>99</sup>

No debate “O pintor no teatro de hoje”, Maikóvski declarou que, após a Revolução bolchevique, a nova compreensão da arte se deu primeiro na pintura. Essa nova visão se sustentou na IZO (Otdiel izobrazítelnikh iskustv, Seção das Artes Plásticas), ligada, certamente, ao Comissariado do Povo para a Instrução, no qual Maikóvski integrava. A priori, a arte plástica se desenvolveu a partir do colorismo e pintura abstrata de Larinov e Gontcharova, influenciada, em essência, pelo cubismo. Com base na pintura, intencionando declaradamente representar a nova sociedade industrial russa, o movimento construtivista se mostrou na literatura.

Portanto, o construtivismo russo, abarcou um desenvolvimento do cubofuturismo. Seu centro, aliás, passou a ser a Lef, revista criada pelo poeta Maiakóvski em 1923. O próprio Maiakóvski foi, portanto, um dos principais operadores do movimento, apesar de não participar

---

<sup>97</sup> SHNAIDERMAN, 2020, p. 145 – 147.

<sup>98</sup> O peculiar Khliébnikov, como um profeta, já em 1914 escrevera utopias sobre o futuro nas quais havia representações da natureza, edificações humanas e linguagem poética que formariam um todo harmonioso.

<sup>99</sup> SCHNAIDERMAN, 1984, p. 120.

efetivamente do grupo e eventualmente, principiar polêmicas com seus líderes. Como escola literária, o construtivismo russo estabilizou-se em 1923, liderado pelos poetas I. L. Selvínski e A. M. Tchitchérin<sup>100</sup>

---

<sup>100</sup> *Ibidem*, p. 35.

### 3 A REVOLUÇÃO RUSSA NA POESIA DE VLADÍMIR MAIAKÓVSKI

Entrará em foco, inicialmente, o processo revolucionário russo em diálogo com os poemas produzidos por Maiakóvski, entendidos como representações dos acontecimentos. Em seguida, buscaremos a crítica do regime que se instalou após outubro, em diálogo com alguns autores que empreenderam análises de grande valia, além das fontes poéticas produzidas pelo poeta Vladímir Maiakóvski.

#### 3.1. A Rússia rumo a terra prometida

Recuperar a revolução constituída em 1905 é significativo porque muitas de suas peripécias, sobretudo de luta e organização, seriam retomadas em 1917. As experiências vividas em 1905, certamente, inspirariam e envolveriam algumas ações e decisões tomadas a partir de fevereiro de 1917.

A revolução de 1905 resultou, em especial, da guerra iniciada em fevereiro de 1904, assim que o governo japonês atacou, inesperadamente, a base naval da Rússia de Port Arthur, no nordeste da China. Tratava-se de uma disputa entre o Império Russo em declínio e o ascendente imperialismo japonês na Coreia e na Manchuria.<sup>101</sup>

Destarte, a guerra afligiu os recursos econômicos da Rússia, o que disparou um complexo de antíteses sociais e políticas que afluíram em uma colossal manifestação pública, em janeiro de 1905, perante o Palácio de Inverno, em São Petersburgo, sede do império russo. De acordo com uma das autoridades nacionais no assunto, o historiador Aarão Reis, os protestantes não possuíam juízos revolucionários:

Embora não animados por propósitos revolucionários, os manifestantes foram recebidos a bala, e a multidão dispersou-se em meio a milhares de mortos e feridos. A matança passou para a história como o domingo sangrento, ponto de partida para a Revolução de 1905. E ao longo desse ano, enquanto o poder imperial parecia imobilizado ou impotente, houve uma surpreendente e notável convergência de movimentos sociais.<sup>102</sup>

---

<sup>101</sup> REIS, 2017, p. 18.

<sup>102</sup> Ibidem, p. 19.

Os operários, mesmo que reprimidos, impulsionaram três grandes ondas de greves políticas: em fevereiro, maio e setembro de 1905. Reivindicavam melhores condições de vida e de trabalho, além de exigirem a subversão da autocracia e a eleição de uma Assembleia Constituinte, devaneando um regime republicano. Foi nessa conjuntura de reivindicações que se manifestou, num centro industrial ao norte de Moscou, o conselho de deputados operários, conhecido como soviete.

Em resposta, a autocracia pressionada colocou em prática duas decisões, que de acordo com o historiador Aarão Reis, a salvaram: a paz com o Japão<sup>103</sup> e o comprometimento, datado de outubro, de convocar um parlamento, conhecido como Duma, junto a legalização de sindicatos e partidos.

Três direcionamentos se reivindicavam como representantes das classes operárias. A mais significativa, porém, fragmentada, era o Partido Socialista Revolucionário (SR), formada em 1901 na clandestinidade através da tradição populista russa. Ademais, herdeiros do Partido Operário Social-Democrata Russo (Posdr), os bolcheviques liderados por Lênin que advogavam um partido dirigido por militantes profissionais e os mencheviques, chefiados por Julius Martov, que sustentavam a necessidade de uma organização baseada em critérios mais amplos e flexíveis. No entanto, independentemente de alas ou partidos, Aarão, enfatiza que todos os socialistas marxistas russos concebiam a revolução em etapas:

Na primeira, sob hegemonia da burguesia, a autocracia seria derrubada e então formada uma república democrática, na base de uma Assembleia Constituinte eleita pelo sufrágio universal. Na segunda etapa, os partidos políticos e os sindicatos socialistas colocariam na ordem do dia a questão da revolução social.<sup>104</sup>

O insucesso da Revolução de 1905, para Marc Ferro, demonstrou que a classe operária entregue a si mesma, não obteria sucesso e que o campesinato não estava maduro politicamente. Além disso, ‘‘a catástrofe fez também aparecer o interesse que o apoio das nacionalidades oprimidas podia oferecer na luta contra o tzarismo’’<sup>105</sup>

Todavia, Reis salienta que o movimento operário e sua capacidade de protagonizar greves políticas fascinariam os revolucionários europeus, estimulando correntes que iam à raiz a repensar suas práticas e a reconsiderar pareceres reformistas que paulatinamente preponderavam os partidos e sindicatos social-democratas desde a última década do século

---

<sup>103</sup> Tratado de Portsmouth, assinado em setembro.

<sup>104</sup> *Ibidem*, p. 22.

<sup>105</sup> FERRO, 2011, p. 18.

anterior. Além disso, a constituição dos sovietes desencadearia amedrontamento entre as elites, admiração entre os adeptos aos movimentos sociais e receio entre os partidos políticos nascentes; portanto, os sovietes fizeram-se como uma máquina imprevista, difícil de controlar.<sup>106</sup>

Marabini, apesar de não se deter muito sobre os fenômenos de 1905, em seu título sobre a vida cotidiana do período de revoluções, corrobora com Reis no sentido de não haver orientações revolucionárias na Revolução de 1905, definindo-a como “a revolução sem revolucionários”.<sup>107</sup>

A Revolução de 1905, portanto, conquanto derrotada, deixou um terreno fértil de experiências revolucionárias marcantes que ficaram gravadas no imaginário social, além do que, um script para eventuais revisões conceituais em relação aos rumos da revolução socialista na Rússia, como Lenin o fizera:

Mais do que nunca, era preciso unificar suas atividades, e para demonstrá-lo Lenine escreveu *Que fazer?*, pequena obra que iria determinar o futuro do movimento operário. Lenine examinava todos os problemas que a organização de um partido revolucionário apresenta. Seria necessário aumentar os efetivos, à maneira alemã, para conquistar uma maioria no país, e em seguida tomar o poder.<sup>108</sup>

Maiakóvski, em seu poema dedicado ao partido comunista russo, Vladimir Ilitch Lenin, representa o referido momento:

Marx viu  
uma visão do Kremlin,  
a bandeira  
das comunas  
sobre a Moscou vermelha.  
Amadureciam,  
os dias maturavam,  
como melões,  
o proletariado  
tornava-se adulto  
e o moleque cresceu.  
Os baluartes  
íngremes

---

<sup>106</sup> REIS, 2017, p. 23.

<sup>107</sup> MARABINI, 1989, p. 25.

<sup>108</sup> FERRO, 2011, p. 19.

do capital  
lavam em enxurrada  
e retalham.  
Em alguns  
anos  
à distância  
quantas trovoadas  
bramem  
e se intensificam.  
Se finda  
com levante  
o ódio intenso,  
As revoluções  
Aumentam  
Após explosões dos levantes.  
É severa  
a insubmissão  
dos burgueses enraivecidos.<sup>109</sup>

Entre 1906 e 1914 Aarão Reis salienta que a autocracia dispôs de tempo para auto reformar-se. Destacaram-se, no empreendimento das reformas, Serguei Witte, que atuou como ministro de 1892 a 1903, e Piotr Stolypin, atuante de 1909 a 1911. Witte efetuou políticas industrialistas favoráveis ao investimento de capital europeu, o que propiciou notável desenvolvimento capitalista; Stolypin empreendeu políticas que visavam reformas agrárias, determinado a constituir uma classe de pequenos agricultores prósperos, no entanto, enfrentou ampla resistência por parte dos conservadores Russos.

No que diz respeito a política, a autocracia permaneceu a mesma, refrataria as reformas. O parlamento que possibilitou a completude da autocracia não dispôs de poderes concretos, conforme é salientado por Aarão:

A Duma, que passou a funcionar em 1906, era escolhida por um sistema restritivo e elitista e nunca teve poderes efetivos, legislativos ou de controle do governo. Além disso, o tzar podia desconvocá-la ou dissolvê-la quando lhe aprouvesse. Os partidos socialistas, em suas diferentes alas, chegaram a ter representantes eleitos que desempenhavam funções de agitadores e propagandistas, mas se frustraram as

---

<sup>109</sup> MAIKÓVSKI, 2012, p. 74.

expectativas de que o Parlamento pudesse assumir um papel significativo na história do Império.<sup>110</sup>

Ferro, em sua análise da mesma conjuntura, enfatiza o que a guerra mundial provocou no campo dos revolucionários. A guerra mundial, portanto, provocou divisões entre os revolucionários: Plekhanov, Kropotkin, Kerenski e Ckeidze, julgaram que os russos deveriam defender o seu país, pois a vitória do imperialismo subverteria o movimento socialista internacional; já os internacionalistas, que compreendia os mencheviques, bolcheviques e anarquistas, condenavam a guerra de defesa nacional, propagando a sua metamorfose em guerra civil.<sup>111</sup>

Acreditava-se que a guerra não fosse longínqua, mas em início de 1915 ficou evidente que não podia prever seu término, e a Rússia não tinha meios de suportar uma longa guerra, sobretudo o exército, que não tendo constituído um corpo razoável de militares, não podia repor suas perdas. A inferioridade em artilharia foi um fenômeno bizarro, pois as fábricas mal supriam um terço das necessidades.

Enquanto isso, o número de grevistas aumentava vertiginosamente, devido ao não abastecimento dos camponeses com produtos industriais, provocando a escassez de fornecimento às cidades. Por conseguinte, os preços de produtos agrícolas e industriais subiram furiosamente; e os salários não conseguiam os acompanhar. Logo o sistema econômico paralisou, especialmente na produção, na distribuição e no consumo.<sup>112</sup>

Hill em seu livro sobre a dialética de Lenin e a Revolução Bolchevique, abordando o fenômeno das greves, escreveu:

Em julho de 1914, em São Petersburgo, o movimento grevista culminou em luta de barricadas entre a polícia. Durante breve período a deflagração da guerra dera margem a certa revivescência da lealdade ao trono; mas a sistemática hostilidade do czar e de seus ministros a qualquer forma de governo representativo, juntamente com as derrotas militares sofridas pelo exército sob o comando do czar, além do vertiginoso descalabro da situação econômica – que bem depressa escapou ao controle governamental – provocaram um violento desvio em sentido oposto. E o regime nem dispunha de reservas de boa vontade com que pudesse contar.<sup>113</sup>

Desde o início da guerra, o czar Nicolau II confiou poderes exorbitantes nas zonas de guerra ao comandante militar, o que formou uma espécie de vácuo no governo do russo, pois não se sabia quais eram as autoridades responsáveis. Além disso, o czar levava uma vida

---

<sup>110</sup> REIS, 2017, p. 25.

<sup>111</sup> FERRO, 2011, p. 23.

<sup>112</sup> Ibidem, p. 24.

<sup>113</sup> HILL, 1967, p. 32.

aparentemente tranquila, ninguém o importunava com as dificuldades que o país enfrentava, pois era conhecida a sua repulsa pelas questões públicas.<sup>114</sup>

Isolado em seu cotidiano atípico, em algum lugar próximo à Mohilev, Nicolau vivia com o Estado-Maior e para as questões internas atendia Alexandra, sua esposa, que tinha apreço pelo campo político e, às vezes, mais firmeza que o próprio marido. No entanto, Alexandra não possuía a confiança do povo russo por sua suposta germanofilia e, sobretudo, de sua afeição por Rasputin, um monge que macaqueava os místicos. Suposto curandeiro, alcançara o reconhecimento de Alexandra e seu marido, possivelmente salvando a vida do filho de ambos, Alexis.<sup>115</sup> Além disso, em Carskoe-Selo, incensando a queda da corte pelo ocultismo, apontava às “almas piedosas” o caminho da salvação, especialmente às mulheres.<sup>116</sup>

Através da czarina, Rasputin encontrava formas de fazer seus amigos bispos e arcebispos e até para canonizar um santo inteiramente novo. Além disso, era praticamente quem formava o governo, intervindo diretamente nos rumos da política e da guerra. Nas cartas da czarina à Nicolau II – quando estava junto ao exército – podemos perceber que o valor dos ministros, dos oficiais e do próprio comandante-chefe, era medido a partir de suas atitudes perante Rasputin.

Através da análise que Hill fez das cartas em dialética com a conjuntura, podemos avaliar muito bem o alcance da influência de Rasputin:

“Não percebes que um homem (o Grão-Duque Nicolau), que se portou como reles traidor para com um homem dos Deuses, não pode ser abençoado, nem boas as suas ações?” – escrevia a czarina em junho de 1915; dois meses depois o Grão-Duque era exonerado do posto de comandante-chefe, que o czar pessoalmente tomou a si, contra a recomendação escrita de oito dos seus ministros. Na opinião de Brusilov, esse ato selou o destino da monarquia: dali por diante, as derrotas dos exércitos correriam sob a responsabilidade direta do czar. Em fevereiro de 1916 a czarina patrocinou a nomeação de um Primeiro-Ministro em tudo incompetente – Stuermer – para quem, como disse um de seus amigos, “a guerra contra a Alemanha era a maior desgraça para a Rússia e nem tinha justificativa política séria”. A czarina, por outro lado, escreveu que Stuermer “tem Gregório (Rasputin) em muita boa conta, o que é uma grande coisa”. Em novembro, “nosso Amigo (Rasputin) diz que Stuermer ainda pode ficar algum tempo como Primeiro-Ministro, mas devia deixar de ser Ministro das Relações exteriores”. Deixou.<sup>117</sup>

---

<sup>114</sup> FERRO, 2017, p. 25.

<sup>115</sup> Rasputin tratava o czaréviche Alexis, vítima de hemofilia, com o seu “elixir do Tibete” ou com alguma “essência de lótus negro”, de sua invenção.

<sup>116</sup> Idem.

<sup>117</sup> HILL, 1967, p. 27.

Marabini, que se deteve em demasia sobre a influência de Rasputin sobre o Império e, especialmente, sobre a czarina, enaltece o culto da personalidade e a degradação promovida pelo monge:

Aproveitando-se da “loucura” da imperatriz, da carência do czar, que ele diz “não ter peito”, o favorito nomeia e muda o pessoal do estado a seu capricho. A guilhotina administrativa desembesta e descontrola-se. Os prefeitos, os bispos, os ministros, assim como os dirigentes mais graduados, dançam ao compasso do violino do tirano galhofeiro e cada vez mais versátil. O Estado se degrada. Os embaixadores estrangeiros se desonram adulando o favorito, e, a partir de então, a fantasia, o frenesi, a vaidade de um homem fazem o espírito das leis. Para ser um bom funcionário na Rússia é preciso ser, agora, bêbado e vil cortesão. Um bajulador ou companheiro de prazeres pode receber a mais alta condecoração, enquanto outro, que trapaceia no jogo, pode tornar-se ministro. Aliás, tal como Stálin no fim de sua vida, Rasputin acelera o ritmo, descarta-se de suas criaturas numa cadência infernal, manifesta uma desconfiança e uma versatilidade cada vez mais lacônicas. O cutelo administrativo cai, em alguns segundos: “Nomeie fulano, ele é amado de Deus”; ou então: “Afasto Beltrano, ele tem parte com o Diabo”.

Destarte, a nomeação mais absurda foi a de Protopopov, um renegado membro – liberal – da Duma e conhecido por ser germanófilo, para Ministro do Interior, em setembro de 1916. Portanto, os ministros eram não apenas de extrema incompetência, como trocados com vertiginosa velocidade. Nos anos de 1915 e 1916 houve quatro Primeiros-Ministros, seis Ministros do Interior, quatro da Guerra e quatro da Agricultura.<sup>118</sup>

No início de 1917, a capital São Petersburgo respira à sombra de Grigóri Raspútín, e anedotas são contadas a seu respeito. Um a delas é a de que Nicolau II, a caminho do front por ordem da esposa, leva em sua posse um pente fino que o curandeiro Rasputin embebeu com seu fluido para o czar tornar-se mais forte e corajoso.<sup>119</sup>

O “cavalgador de mulheres”<sup>120</sup> foi morto em uma noite fria da capital, no início de 1917, aproximadamente às onze e meia. Iussupov, tremulo, disparou uma bala no coração de Rasputin. Logo, com a ajuda de mais quatro homens, o enrolaram num tecido grosso e o jogaram de cima da Ponte Petróvski.<sup>121</sup>

Em meados de fevereiro, os comandos de São Petersburgo estabeleceram os cartões de racionamento. Logo a população soube e a partir do dia seguinte, houve filas nas entradas de padarias, açougues e mercearias, fazendo com que os estoques escassos esgotassem em poucas horas. Sucedeu em aglomerações e vandalismo. Nos dias seguintes, o povo após longa

---

<sup>118</sup> *Ibidem*, p. 28.

<sup>119</sup> MARABINI, 1989, p. 30.

<sup>120</sup> O povo, que de certa forma o admirava, chamava-o de Rasputin, o cavalgador de mulheres, devido as suas façanhas amorosas.

<sup>121</sup> MARABINI, 1989, p. 34.

espera a 20 graus abaixo de zero se deparava com a mesma situação; repetia-se estes incidentes.<sup>122</sup>

Criou-se um comitê para organizar as manifestações de 23 de fevereiro, prenunciada pelo protagonismo das operárias. Os bolcheviques julgaram prematura, devido aos revezes dos meses anteriores, mas na manhã de 23, observando que as grevistas se moveram para as manifestações, resolveram participar.<sup>123</sup>

No primeiro dia de manifestações, a situação se mostrou pacífica e alegre. No entanto, com medo de desordens, as autoridades ordenaram o fechamento de escritórios e comércios porque acreditavam que se tratava de medo devido a falta de alimentos. À noite ordenaram a fixação de cartazes comunicando a população que brevemente haveria disponibilidade de cereais.<sup>124</sup>

Em 24 de fevereiro, no segundo dia de manifestações, praticamente todas as fabricas entraram em greve. Os manifestantes, mais emocionados do que no dia anterior, rumaram em direção ao centro. As autoridades se mantiveram passivas diante do movimento.<sup>125</sup>

Os bolcheviques, no terceiro dia, organizaram greves e passeadas. Na praça Znamenskaia, os manifestantes confraternizavam com os cossacos: gritando “pão”, “viva a república” e “abaixo a guerra”. Entretanto, a polícia tentou intervir, mas os cossacos os barraram. No conselho de ministros, à noite, discussões ocorreram. O pseudo Ministro do Interior, Protopopov, acusou o Ministro da Guerra, Belaiev, de ter o abandonado.<sup>126</sup>

No quarto dia, em pleno domingo, a cidade levantou mais tarde que de praxe. Os manifestantes, novamente, rumaram ao centro. Chegando lá, estabeleceram diálogo, pacífico, com os soldados a postos. Os oficiais, no entanto, instruíram a suspensão desses diálogos. Destarte, os oficiais deram ordens de atirar para o ar ou para o gelo. Coléricos, armados até os dentes, deram ordem para matar. As metralhadoras estalaram o som da morte, e o sangue verteu. Em pouco tempo quarenta pessoas foram mortas e a mesma quantidade ferida. Os manifestantes, apavorados, voltaram para suas casas derrotados; não existiria o quinto dia, achavam.<sup>127</sup>

---

<sup>122</sup> FERRO, 2017, p. 31.

<sup>123</sup> *Ibidem*, p. 32.

<sup>124</sup> *Idem*.

<sup>125</sup> *Idem*.

<sup>126</sup> *Ibidem*, p. 33.

<sup>127</sup> *Idem*.

Em seu poema *Nossa Marcha*, escrito em 1917 – no calor do momento, como quase toda a obra do poeta –, Maiakóvski consegue representar as manifestações que se iniciaram com a força das trabalhadoras russas:

Troa na praça o tumulto!  
Altivos píncaros – testas!  
Águas de um novo dilúvio  
Lavando os confins da terra.  
Touro mouro dos meus dias.  
Lenta carreta dos anos.  
Deus? Adeus. Uma corrida.  
Coração? Tambor rufando.  
Que metal será mais santo?  
Balas-vespas nos atingem?  
Nosso arsenal é o canto.  
Metal? São timbre que tinem.  
Desdobrado o lençol dos dias  
Cama verde, campo escampo.  
Arco-íris arcoirisa  
O corcel veloz do tempo.  
O céu tem tédio de estrelas!  
Sem ele, tecemos hinos.  
Ursa-Maior, anda, ordena  
Para nós um céu de vivos.  
Bebe e celebra! Desata  
nas veias a primavera!  
Coração, bate a combate!  
O peito – bronze de guerra.<sup>128</sup>

No entanto, conforme observou Ferro, três quartos da revolução já foram cumpridos. A desgraça ocorrida com os operários, motivaram os soldados, na noite de 26 para 27, a se sublevarem, pois se ressentiram com as ordens de atirar sobre os trabalhadores.

Na manhã do quinto dia, 27 de fevereiro, os operários receosos avançaram para o centro. Lá chegando, perceberam ausência dos oficiais. Logo, operários e soldados

---

<sup>128</sup> SCHNAIDERMAN, 2020, p. 136.

começaram a confraternizar. Ao meio-dia, aproximadamente, atravessaram as pontes do Neva; percorreram toda a cidade. Apossaram das armas do Arsenal e atearam fogo no Tribunal Civil. Os ministros, assustados, desapareceram, e consigo, toda a antiga ordem. Acompanhado de música, o regimento de Pavlovskii marchou para o Palácio de Inverno e nele introduziu-se. Em instantes o pavilhão imperial desceu lentamente, e rapidamente um pano vermelho esvoaçou sobre o palácio. Em cinco dias, portanto, os trabalhadores e soldados derrubaram o reino dos Romanov.<sup>129</sup>

Os comandantes, por meio de telegramas, recomendaram que Nicolau II abdicasse. Nicolau ao saber que seu filho Alexis tinha pequena probabilidade de viver, não resistiu; e escolheu o irmão Miguel como o seu sucessor. No dia dois de março, na estação de Pskov, entregou a dois delegados da Duma a nota.<sup>130</sup>

Em São Petersburgo, ao saberem que Miguel sucederia a Nicolau II, a cidade se abalou novamente. Kerenski e L'vov pediram para que ele também abdicasse. Ciente de que sua vida estava em perigo, abdicou sem hesitar.<sup>131</sup>

O êxito da Revolução foi imprevisível. Em poucos dias todas as cidades revolucionaram suas administrações, seja com soviete ou comitê. No dia 17 de março de 1917, quarenta e nove cidades organizaram seu soviete; em 22 de março, já existiam setenta e sete sovietes. Portanto, o novo regime passou a ser dirigido por um duplo poder: o governo encabeçado pelo príncipe L'vov como presidente e Kerenski, primeiro-ministro, que estimava manter as estruturas do estado e administrá-lo; e o soviete de Petrogrado, poder contestatório, aliado dos sovietes das províncias.<sup>132</sup>

Quanto a questão da organização do poder, Aarão Reis expressou-se de forma mais contundente:

Há certa perplexidade, mesclada com deslumbramento e euforia: o czarismo saíra de cena, deslizando para o passado. Em seu lugar, abriu-se um processo inaudito de desintegração do poder e de fragmentação política, gerando uma cacofonia inédita, como se cada pessoa ou grupo de pessoas – adquirindo a condição de uma cidadania, afinal, reconhecida e consagrada juridicamente – se julgasse aptos a formular propostas sobre o futuro e o destino da sociedade.<sup>133</sup>

---

<sup>129</sup> FERRO, 2017, p. p. 34

<sup>130</sup> Nicolau foi colocado em estado de prisão domiciliar, e assassinado em 1918 pelo exército vermelho, que temiam a sua libertação pelo exército branco de Kolchak.

<sup>131</sup> Ibidem, p. 38.

<sup>132</sup> Ibidem, p. 39.

<sup>133</sup> REIS, 2017, p. 64.

Depois de um mês e meio, o governo de coalizão pouco sucesso registrou em sua existência. Com a economia bloqueada, a crise social nas cidades e no campo, em 10 de junho, houve um apelo a manifestação para o dia seguinte, por parte dos bolcheviques. Eles reivindicavam a totalidade do poder aos soviets. No entanto, com os mencheviques e socialistas-revolucionários desacreditados, apenas os bolcheviques participaram em peso.

Em resposta as manifestações de junho, o governo provisório empreendeu a retomada do controle militar, compreendido como o primeiro ato de contrarrevolução. Em 2 de julho, animados pelas notícias da guerra, os soldados e os operários de São Petersburgo se excitaram, lembrando fevereiro. No soviete, os bolcheviques Trotski e Zinoviev censuravam os ministros do governo, acusando-os de contrarrevolucionários.<sup>134</sup>

Com o ambiente já carregado, houve apelo a manifestação. E assim foi feito. Os manifestantes rumaram à sede dos soviets. Criticaram colericamente os seus líderes por não tomarem o poder, ameaçando-os e os insultando. Logo, os marinheiros de Konstadt, soldados, manifestantes, de um lado, chocaram-se com as tropas fiéis ao governo. Aproximadamente quarenta pessoas morreram, e mais de 80 ficaram feridas. Portanto, a retomada do controle militar, a volta à ordem, causou desgraças aos que reivindicavam todo o poder aos soviets, especialmente, ao famintos operários de Putilov, que sem nada para comer há dias, se dirigiram na madrugada de 4 de julho, quando se juntaram à manifestação, e foram brutalmente dispersados.<sup>135</sup>

Para sintetizar o momento, recorremos ao historiador Aarão Reis, que tão bem o fez:

A crise de julho também é elucidativa por mostrar que a radicalização em curso não era consequência exclusiva da agitação bolchevique ou do comando de lideranças conhecidas. Em outras palavras, ela não foi conduzida “pelo alto”. Foi vertebrada por contradições enraizadas no tecido social, do qual os bolcheviques eram expressão e não causa eficiente. A ebulição veio “de baixo”, fermentou e foi articulada nos subterrâneos invisíveis da sociedade, e, quando se tornou visível, desabrochou nos quarteis e nas ruas.<sup>136</sup>

O general Kornilov, desejando reestabelecer a ordem com o respaldo de Kerenski e irritado com as greves e manifestações, especialmente, em São Petersburgo, Moscou e Karkov, solicitou as tropas da capital, que estavam sob domínio do governo. No entanto, desconfiado, Kerenski recusou o pedido de Kornilov, destituindo-o publicamente. Em resposta, o general Kornilov, apoiado pelos outros generais, avançou com suas tropas, mas os operários, os

---

<sup>134</sup> FERRO, 2017, p. 69.

<sup>135</sup> Ibidem, p. 70.

<sup>136</sup> REIS, 2017, p. 81.

manifestantes, quando souberam, foram ao encontro dos soldados de Kornilov para informá-los do golpe que Kornilov intencionava aplicar ao governo. Logo, Kerenski subverteu o golpe e manteve o poder do governo provisório.<sup>137</sup>

Lenin, fugindo da prisão desde julho, estava na Finlândia, vivendo escondido, mas não parava de escrever ao comitê bolchevique, solicitando a movimentação do partido para a tomada do poder. Destarte, após a tentativa de golpe realizada por Kornilov, o governo provisório estava enfraquecido, e recorria aos soviets e bolcheviques. Lenin, consciente da fraqueza do governo e sabendo que os bolcheviques tinham maioria nos soviets, propôs uma revolução imediata, era o momento.<sup>138</sup>

Conforme salientado por Ferro, o curso dos acontecimentos era irreversível. Kerenski, em seu ultimato, mandou fechar as portas do jornal bolchevique *Soldat* em 24 de outubro. O comitê central do partido bolchevique se reuniu no Smolny para formular um plano de ação imediata:

Dzerzinskü devia ocupar os correios e telégrafos; Bubnov assegurar o controle das estações ferroviárias; Noguine estabelecer contato com a província; Sverdlov dirigir o ataque contra o Governo provisório, garantindo a ligação com os marinheiros do Báltico e com os operários armados de Vyborg.<sup>139</sup>

A revolução, segundo Reis, estava sendo preparada como uma arte, com método e minúcias, e depressa, pois havia a possibilidade de um caos das massas, como em julho, o que acabaria novamente em derrota.<sup>140</sup>

A revolução caminhara do Smolny, de forma coordenada: uma insurreição dos trabalhadores impulsionada pela organização militar bolchevique e a tomada de poder em nome do soviets. A operação iniciou-se quando o governo empreendeu o revezamento das pontes, a Guarda Vermelha assumiu o seu controle sem reação dos soldados; nos correios, as autoridades foram substituídas por ordem do soviets, sem violência; os pontos estratégicos foram tomados sem que o governo reagisse.<sup>141</sup>

De forma mais detalhada, Marabini descreveu a execução do plano bolchevique para a tomada do poder:

---

<sup>137</sup> FERRO, 2017, p. 76.

<sup>138</sup> *Ibidem*, p. 84.

<sup>139</sup> *Ibidem*, p. 89.

<sup>140</sup> REIS, 2017, p. 90.

<sup>141</sup> FERRO, 2017, p. 89

E do pequeno quarto do terceiro andar vão partir todas as ordens que, em menos de vinte quatro horas levam os guardas vermelhos a tomarem, naquela mesma noite de 24 para 25 de outubro, às duas da manhã, as gráficas, às quatro da manhã, a central telefônica, e as nove da manhã, a central telegráfica.<sup>142</sup>

Na noite de 24 de outubro, a cidade estava nas mãos dos revolucionários bolcheviques, apenas o Palácio de Inverno ainda resistia. Kerenski deixou a capital para ir ao encontro de suas tropas, mas o alto escalão do exército queria vingança por Kornilov, e os cossacos já o haviam abandonado. E na manhã de 25 de outubro, o comitê revolucionário de São Petersburgo anunciou a vitória bolchevique, o governo, portanto, foi derrubado.<sup>143</sup>

Conicionados pelo anúncio, os revolucionários foram de encontro ao Palácio de Inverno, que estava sendo protegido por jovens oficiais. O navio “Aurora” apontou seu armamento para o palácio, e os guardas vermelhos, em meio aos tiros, tomaram o Palácio de Inverno.

Praticamente no mesmo instante, ao som dos tiros no Palácio de Inverno, o segundo congresso dos soviets foi aberto, e dos 672 delegados eleitos, 390 eram bolcheviques, 160 socialistas revolucionários e 90 mencheviques; os bolcheviques passaram a não somente representar a maioria, como a sê-la. No congresso (comitê executivo), Lenin, Trotski, Zinoviev, Lunacarski são eleitos, com os bolcheviques chegando a 14 de 25 membros.<sup>144</sup>

O poeta Maiakóvski, em seu poema À Esquerda, escrito em 1918, alcança a representação dos acontecimentos, exaltando especialmente a guarda vermelha:

Em frente, marche! Basta de falar!  
O tempo dos oradores já passou.  
Hoje tem a palavra  
O Camarada Mauser!  
Não há outra lei senão a da natureza.  
Somente Adão e Eva estão com a verdade.  
Abaixo as leis, abaixo as cadeias!  
Fustiguemos a carroça da história.  
À esquerda, à esquerda, à esquerda!  
Em frente, à conquista  
dos Oceanos!

---

<sup>142</sup> MARABINI, 1989, p. 163.

<sup>143</sup> FERRO, 2017, p. 90.

<sup>144</sup> Ibidem, p. 91.

Tendes canhões em vossos navios de aços.  
Já esqueceste como os fazer falar?  
Que a coroa abra uma goela  
quadrangular,  
que o leão britânico ruja  
que importa?  
A comuna está em marcha  
e manterá a vitória!  
À esquerda, à esquerda, à esquerda!<sup>145</sup>

O governo revolucionário era formado exclusivamente por bolcheviques. Lenin, após a Revolução, imaginava que a Revolução não se limitaria apenas a Rússia, e tinha consciência de que assim sendo, não seria socialista. E para salvar a Revolução, era necessário efetivar a paz esperada pelos soldados, operários e camponeses.<sup>146</sup>

Em 23 de novembro, Lenin e Trotski pediram o armistício, ao mesmo tempo em que publicaram os tratados secretos elaborados pelos Aliados, o que revelou as suas ambições de conquista. Logo, em 7 de dezembro, iniciaram um apelo aos povos do Oriente colonizados, tais como a Índia e o Egito, a lutarem contra o imperialismo.<sup>147</sup>

A 3 de março de 1918, com o apoio de Znoviev, Sverdlov, Lenin impôs a decisão, e Sokolnikov assinou o tratado de Brest-Litovsk, ratificado por 784 contra 261 votos. A paz que decepcionou a Rússia em vinte e seis por cento de sua população, vinte e sete por cento das terras aráveis, vinte e seis por cento da malha ferroviária, vinte e três por cento da indústria, setenta e três por cento do minério de ferro e setenta e cinco por cento do carvão. Ela abalou o partido bolchevique, mas proporcionou um tempo, uma trégua, para criar um exército sólido e iniciar uma organização.<sup>148</sup>

### **3.2. Da utopia à crítica**

Em seguida a Revolução de Outubro, a Rússia passou por um período de guerras civis e intervenções estrangeiras. O período teve características distintas e com atores e objetivos

---

<sup>145</sup> GUERRA, 1956, p. 131.

<sup>146</sup> FERRO, 2017, p. 93.

<sup>147</sup> *Ibidem*, p. 94.

<sup>148</sup> MARABAINI, 1989, p. 215.

diversos. Compreendemos que os bolcheviques, seguramente, lutaram para defender o estado proletário que se formava, no entanto, entende-se que houve excessos desnecessários.

Uma vez consagrada a revolução bolchevique, foi estabelecido juridicamente, por meio de decretos e leis, as demandas políticas e sociais dos revolucionários: o decreto sobre a imprensa e a constituição de um tribunal para julgar os possíveis crimes praticados pelas mídias, em 27 de outubro de 1917; a democratização das Forças Armadas, em 16 de dezembro de 1917, que ampliaram o poder dos comitês de soldados, abolindo os graus e títulos; a nacionalização dos bancos e caixas de depósito, em 25 de dezembro de 1917; a lei sobre o problema nacional, de 02 de novembro de 1917, que contemplou a livre autodeterminação dos povos, prevendo aliás, o direito à secessão.<sup>149</sup>

Representação do corpo da Rússia que se formava, o Exército Vermelho<sup>150</sup>, de acordo com Marabini, foi uma resposta à dolorosa paz com a Alemanha:

Às exigências alemãs, aos sacrifícios consentidos em Brest Litovsk, Lenin e Trótski respondem com a edificação do exército vermelho, Djerisnki, com a detenção de todos os suspeitos em que ele já vê homens de uniforme de prisioneiros. Órgão militar da Comuna de Petrogrado a princípio, novo exército revolucionário é, de agora em diante, dividido, formado, hierarquizado, em seis distritos que cobrem a República Federativa dos Soviotes, que acaba de se constituir.<sup>151</sup>

Em 07 de dezembro de 1917, surgiu mais uma importante instituição, a Tcheka (Vserociskaia Tcheresvytchainaia Komicia po Bor'be c Kontrerrevoliutsei i Sabotajem), uma polícia política com a finalidade de reprimir os inimigos da revolução, com o poder de prender, executar e organizar campos de trabalho forçado. De acordo com Reis, entre 1918 e 1919, mais de cem mil pessoas foram presas, e lamentavelmente, nove mil e quatrocentos e quarenta e uma, assassinadas.<sup>152</sup>

Portanto, o processo de centralização do Estado foi se consolidando. Mas a partir daí, os bolcheviques tiveram que lidar com as diferentes guerras civis que explodiriam em várias partes do antigo império czarista. Na primeira frente, os inimigos foram os exércitos brancos, formados por oficiais e generais reacionários, adeptos ao czarismo, e cossacos apoiados pelas potências aliadas, inconformados com a paz de Brest Litovski.<sup>153</sup>

---

<sup>149</sup> REIS, 2017, p. 111.

<sup>150</sup> O exército vermelho se formou através de noventa por cento de operários militarizados.

<sup>151</sup> MARABINI, 1989, p. 216-217.

<sup>152</sup> REIS, 2017, p. 113.

<sup>153</sup> Ibidem, p. 121.

Posterior a confirmação da vitória revolucionária, o general Alexei Kaledin, chefe dos cossacos do Don, se declarou rebelde. Logo se juntou a ele, Mikhail Alexeiev, ex-comandante dos exércitos russos, que com o auxílio de Anton Denikin e Lavr Kornilov, organizou o “exército voluntário”, localizado no sudoeste da Rússia, em Novocherkassk.<sup>154</sup>

Aarão Reis afirma que os exércitos brancos não teriam existido sem o apoio dos aliados, ressentidos com a saída da Rússia da primeira Grande Guerra, através de Brest Litovski:

Tais exércitos não teriam existido sem o apoio logístico de tropas francesas, desembarcadas em Odessa, e de ingleses, que, vindos da Mesopotâmia, penetraram no Cáucaso com o objetivo de alcançar Baku, um dos maiores centros mundiais de produção de petróleo na época. Os ingleses também desembarcaram ao norte, em Murmansk, em março de 1918, e com apoio francês, em Arcangel. No extremo oriente, em Vladivostok, desembarcaram cerca de 70 mil soldados japoneses e um pequeno exército estadunidense, mas não chegaram a desempenhar papel militar alguma nas guerras civis.<sup>155</sup>

Marc Ferro, corroborando com Aarão, descreve a gênese da intervenção na Rússia, por parte da França e Inglaterra:

Passadas a tempestade e afastados também os perigos da guerra submarina, com a intervenção militar dos americanos suscitando esperanças de vitória, tomou corpo entre os aliados a ideia de impedir os alemães de se beneficiarem das vantagens da Paz de Brest-Litovski e – quem sabe? – de reconstruir uma segunda frente no Leste. Foi essa a origem da intervenção na Rússia, que Churchill e Clémenceau patrocinaram conjuntamente. Porém, rapidamente, os aliados passaram intervir não mais contra o amigo dos alemães, e sim contra o inimigo “social”. Apoiando os generais “brancos” que se haviam insurgido contra o poder dos bolcheviques, a intervenção deu o sinal para a guerra civil europeia.<sup>156</sup>

Os exércitos brancos avançaram pelo oriente, especialmente pela Sibéria, comandados pelo almirante Aleksandr Koltchak. Atacaram o Volga em março de 1919, e quase chegaram a Moscou (desde 12 de março de 1918 como a capital do país). Foram derrotados e o almirante Koltchak, preso e executado em fevereiro de 1920.<sup>157</sup>

No nordeste da Rússia, outro Exército Branco se formava apoiado pelos franceses, e encabeçado pelo general Nikolai Iudenitch, chegou a, aproximadamente, cem quilômetros de Petrogrado, mas teve o mesmo fim dos anteriores.

Maiakóvski, em seu poema Lenin – algumas vezes já citado -, capta com precisão os acontecimentos, especialmente a pauta monarquista dos contrarrevolucionários:

Denikin está vindo.

---

<sup>154</sup> Idem.

<sup>155</sup> Idem.

<sup>156</sup> FERRO, 1980, p. 38.

<sup>157</sup> Ibidem, p. 122.

Denikin será expulso,  
erguerão lar  
derrubado pelo canhão.  
E Vranguel virá  
no lugar de Denikin.  
Largarão o barão –  
já Koltchak.  
Comemos casca,  
pernoitamos no pântano,  
mas fomos  
com milhões de estrelas vermelhas,  
e em cada uma – Ilitch,  
cuidando de cada um  
no front  
de onze mil quilômetros.  
De onze mil quilômetros  
a circunferência,  
e muito mais  
de comprimento e largura!  
Mas, é preciso atacar  
cada casa,  
cada um  
o inimigo  
esperava na passagem.  
O esser com o monarquista  
espionam insones –  
onde picam as cobras,  
onde cortam cabeças.<sup>158</sup>

Em fins de 1918, o inimigo era outro. Os camponeses, insatisfeitos com os decretos bolcheviques, se insurgiram em várias partes do país. Estima-se que foram duzentos e quarenta e cinco revoltas camponesas. Destarte, em 1919 os camponeses armados passaram a controlar regiões inteiras. No entanto, assim como o exército branco, foram neutralizados.<sup>159</sup>

---

<sup>158</sup> MAIAKÓVSKI, 2012, p. 168.

<sup>159</sup> REIS, 2017, p. 125.

Um último suspiro revolucionário não bolchevique, relevante, ocorreu na Ucrânia, com o exército negro, anarquista, liderado por Nestor Makhno. Foram aliados dos bolcheviques contra os exércitos contrarrevolucionários dos brancos. No entanto, após saírem vitoriosos, foram obrigados pelos bolcheviques a se desarmarem, mas se recusaram. Foram neuroticamente subvertidos, e aqueles que sobraram, exilados.<sup>160</sup>

Em janeiro e fevereiro de 1921 ocorreram greves nas principais cidades da Rússia. Os manifestantes reivindicavam melhores condições, especialmente no que diz respeito ao racionamento alimentício e a burocratização, vista como expropriadora da liberdade, de requisições e transporte.<sup>161</sup>

Neste período, grande parte dos homens comuns, que voltavam do trabalho ou em busca de comida, sentavam-se em sua poltrona sem ousar abrir a boca. Diante dos sofrimentos de sua família devido aos problemas. Marabini, precisa a fome do período de forma sutil, com o desaparecimento dos animais domésticos e da alegria cotidiana:

Antes da revolução, distinguia-se de um andar ao outro o tilintar dos cristais, o ruído das vozes durante as festas. Pouco a pouco, desapareceram as empregadas atenciosas, de avental, bem como as exclamações alegres, a sociabilidade, o brilho íntimo dos abajures cor de laranja. Em seguida, os animais domésticos sumiram – não há mais cachorros, nem gatos –, depois os moveis, os bibelôs e até mesmo as plantas entre as janelas duplas...<sup>162</sup>

Marc Ferro, em seu texto *Dos Soviets à Burocracia*, apesar de exaltar uma breve autonomia operária<sup>163</sup>, analisou de forma acertada o início da prática da burocratização realizada pelos bolcheviques, especialmente nos comitês e soviets, uma dupla burocratização, efetivada pelo alto e por baixo:

Ao passo que a radicalização e a bolchevização dos comitês de Bairro e do soviet de Petrogrado levam à legitimação dos bolcheviques pela instalação de seu Birô no Smolny (sede do governo) nos locais mesmos do soviet de Petrogrado, os bolcheviques iniciam, simultaneamente, a primeira operação de controle burocrático pelo alto: nomeiam IOFFE, membro do comite central do partido, para a presidência do soviet dos Comites de Bairro, no qual os bolcheviques e seus aliados tinham ganho, democraticamente, a maioria após julho. Desta forma, os Comites de Bairro foram burocraticamente pelo alto e por baixo, ao mesmo tempo. Uma dupla burocratização pelo partido bolchevique.<sup>164</sup>

---

<sup>160</sup> Idem.

<sup>161</sup> Ibidem, p. 135.

<sup>162</sup> MARABINI, 1989, p. 192.

<sup>163</sup> Por volta de maio-junho de 1917, quando os operários exigiam insistentemente poder absoluto aos soviets.

<sup>164</sup> FERRO, 1988, p.28.

No final do mesmo mês, os boatos sobre as greves e repressões chegaram a Kronstadt. E em 28 de fevereiro, após uma assembleia em Petropavlovsk, os marinheiros decidiram elaborar e enviar uma carta de insurreição, na qual reivindicavam medidas simples, como por exemplo, liberdade ideológica, empatia com os operários, igualdade de racionamento e fiscalização coerente dos campos de trabalho.<sup>165</sup>

Os bolcheviques, em 05 de março de 1921, após o movimento de Kronstadt ter sido denunciado no soviete de Petrogrado como contrarrevolucionário – prática comum aos que pensavam diferente dos bolcheviques –, deram duas opções aos marinheiros revolucionários: se render ou dispersar pelas armas do exército vermelho. E a segunda opção sucedeu.

Após um desgastante combate, setenta e cinco mil<sup>166</sup> bolcheviques massacraram ou prenderam, violentamente, cerca de um terço dos quinze mil defensores de Kornstadt, em 17 de março de 1921. Portanto, uma luz no fim do túnel apagou-se, e a possibilidade de flexibilização das estruturas soviéticas, conforme salientado por Aarão Reis, foi rejeitada. Restando de agora em diante, a ditadura política bolchevique.<sup>167</sup>

Reis, problematizou de forma pertinente, a contradição entre teoria e prática na revolução bolchevique:

Aos primeiros questionamentos, provenientes da social-democracia ocidental (Karl Kautsky), dos mencheviques (Iuri Martov) e de outras correntes socialistas russas (anarquistas e socialistas revolucionários), que denunciavam o voluntarismo da decisão insurrecional, o caráter ditatorial do novo regime, o abismo entre pretensões e realidades, onde fatalmente cairia o governo revolucionário, os bolcheviques respondiam com a realidade da democracia realmente existente, por intermédio dos sovietes e dos comitês agrários, ‘mil vezes mais democráticos que o mais democrático parlamento burguês’, como gostava de dizer Lenin. Também alegavam a ameaça de uma ditadura militar, abortada pela vitória de outubro, e acenavam sempre com a promessa, e a esperança, da revolução internacional.<sup>168</sup>

Não obstante, encontramos uma defesa para a ditadura bolchevique, escrita por Lenin, em seu artigo “Sobre Democracia” e Ditadura, publicado alguns anos antes dos acontecimentos analisados, em 1918, no jornal Pravda (Verdade). Lenin compreendeu a democracia de duas formas, a democracia para os ricos e para os pobres. A prática bolchevique, em seu entender, seria “a substituição da democracia para os ricos pela democracia para os pobres”, e para isso, seria necessário a ditadura do proletariado: “é impossível sair de uma

---

<sup>165</sup> Ibidem, p. 136.

<sup>166</sup> Os bolcheviques selecionaram suas melhores tropas para a ofensiva, contando com os melhores chefes militares, como Sergei Kamenev e Mikhail Tukhachvski.

<sup>167</sup> FERRO, 1988, p. 140.

<sup>168</sup> REIS, 1999, p. 31.

sociedade na qual uma classe oprime a outra sem a ditadura da classe oprimida”. Lenin, portanto, acreditava que a ditadura bolchevique – sistematizada por Marx – libertaria a humanidade do jugo do capital, da opressão do patrão para com o funcionário, mesmo que para isso fosse necessário a utilização direta da violência.<sup>169</sup>

No mesmo artigo, podemos encontrar uma síntese desta defesa:

Apenas a ditadura do proletariado será capaz de libertar a humanidade da opressão do capital, da mentira, da falsificação, da hipocrisia da democracia burguesa, dessa democracia para os ricos; será capaz de estabelecer a democracia para os pobres; ou seja, tornar os bens da democracia acessíveis de fato para trabalhadores e camponeses pobres, uma vez que hoje (e até mesmo na república – burguesa – mais democrática) esses bens da democracia são de fato inacessíveis à grande maioria dos trabalhadores.<sup>170</sup>

Os bolcheviques, em suma, venceram: pulverizaram as forças contrarrevolucionárias, que se apegavam, em grande parte, ao passado czarista ou que nada aprenderam, nem esqueceram. Obrigaram os exércitos estrangeiros a se retirarem do antigo império russo, e impediram, através da violência, que se formassem alternativas a seus objetivos de construção do futuro, vencendo as guerrilhas anarquistas lideradas por Makhno, o governo menchevique na Geórgia e as insurreições dos socialistas revolucionários de esquerda. Além do esmagamento da insurreição dos marinheiros de Kronstadt, e nesse sentido simbólico, não haveria terceira margem na Rússia. Portanto, ‘O socialismo russo seria bolchevique, ou não seria’<sup>171</sup>

No campo cultural, a ditadura bolchevique não foi menos intensa do que no político, conforme observado in loco por Walter Benjamin, em seu Diário de Moscou, sobre sua estada na Rússia de 06 de dezembro de 1926 ao final de janeiro de 1927, quando foi visitar sua amiga com problemas psiquiátricos, Asja:

Os movimentos esquerdistas, úteis à época do comunismo de guerra, agora são completamente descartados. Só há pouco, os escritores proletários foram oficialmente reconhecidos como tais (a despeito de Trotsky) pelo Estado, deixando-se bem claro, porém, que não poderiam de maneira alguma contar com apoio governamental.<sup>172</sup>

Há uma passagem de valor importantíssimo, quando Benjamin abordou a peça Os dias dos Turbini (Dni Turbinych) de Konstantin Stanislavsky. De acordo com o relato do marxista melancólico<sup>173</sup>, a peça foi censurada e obrigada a sofrer modificações. E meses após as modificações, foi novamente apresentada a burocracia, e censurada de vez. Stanislavsky,

---

<sup>169</sup> Lenin, 2019, p. 22-24.

<sup>170</sup> Ibidem, p. 21.

<sup>171</sup> REIS, 1999, p. 32.

<sup>172</sup> BENJAMIN, 1989, p. 20.

<sup>173</sup> Título da biografia de Benjamin, escrita – brilhantemente – por Leandro Konder.

inconformado, recorreu a Stalin, que considerando a peça como não perigosa, permitiu sua estreia. Porém, há uma contradição, a peça estreou sob protesto dos “comunistas”, que foram afastados pela “milícia” – também comunista.<sup>174</sup>

O poeta Maiakóvski, revoltado com casos como o de Stanislavsky, expressou sua revolta no poema Incompreensível Para as Massas, onde se lançou contra os burocratas, intermediários da arte, e exaltou a capacidade do operário e camponês de compreender e apreciar o mais alto nível artístico, escrito em 1927:

Entre escritor  
e leitor  
postura-se o intermediário  
e o gosto  
do intermediário  
é bastante intermédio.  
Medíocre  
mesnada  
de medianeiros médios.  
Aonde  
galopando  
chega teu pensamento,  
um deles  
considera tudo  
sonolento:  
- Sou homem  
de outra têmpera! Perdão,  
lembra-me agora  
um verso  
de Nadson...  
O operário  
não tolera  
linhas breves.  
(E com tal  
mediador  
ainda se entende Assiéiev!)

---

<sup>174</sup> Ibidem, p. 19.

Sinais de pontuação?

São marcas de nascença!

O senhor

corta os versos

toma muitas licenças.

Továrich Maiakóvski,

por que não escreve iampos?

Vinte copeques

por linha

eu lhe garanto, a mais.

E narra

não sei quantas

lendas medievais,

e fala quatro horas

longas como anos.

O mestre lamentável,

repete

um só refrão:

- Camponês

e operário

não o compreenderão.

O peso da consciência

pulveriza

o autor.

Mas voltemos agora

ao conspícuo censor:

Camponeses só viu

há tempo

antes da guerra,

na datcha

ao comprar

mocotós de vitela.

Operários?

Viu menos.

Deu com dois

uma vez

por ocasião da cheia,  
dois pontos  
numa ponte  
contemplando o terreno,  
vendo a água subir  
e a fusão das geleiras.  
Em muitos milhões  
para servir de lastro  
colheu dois exemplares  
o nosso criticastro.  
Isto não lhe faz moça –  
é tudo a mesma massa...  
Gente – de carne e osso!  
E à hora o chá expende  
sua sentença:  
- A classe  
operária?  
Conheço-a como a palma!  
Por trás  
do seu silêncio,  
posso ler-lhe na alma –  
Nem dor  
nem decadência.  
Que autores  
então  
há de ler essa classe?  
Só Gógol,  
só os clássicos.  
Camponeses?  
Também.  
O quadro não se altera.  
Lembra-me agora –  
a datcha, a primavera...  
Este palrar  
de literatos  
muitas vezes passa

entre nós  
por convívio com a massa.  
E impinge  
modelos  
pré-revolucionários  
da arte do pincel,  
do cinzel,  
do vocábulo.  
E para a massa  
flutuam  
dádivas de letrados –  
lírrios,  
delírrios,  
trinos dulcificados.  
Aos pávidos  
poetas  
aqui vai meu aparte:  
Chega  
de chuchotar  
versos para os pobres.  
A classe condutora,  
também ela pode  
compreender a arte.  
Logo:  
que se eleve  
a cultura do povo!  
Uma só,  
para todos.  
O livro bom  
é claro  
e necessário  
a mim,  
a vocês,  
ao camponês

O pensador George Lukács, em sua obra *Introdução a Uma Estética Marxista*, corrobora com o poeta no que diz respeito à elevação do indivíduo quando em contato com uma arte que o faz experimentar realidades diversas:

É um fato reconhecido por todos o de que na base desta eficácia da arte, como momento decisivo, está a elevação do indivíduo – que desfruta esta eficácia – da mera particularidade do sujeito à particularidade. Ele experimenta realidades que, de outro modo, na plenitude oferecida pela época, ser-lhe-iam inacessíveis; suas concepções sobre o homem, sobre suas possibilidades reais positivas ou negativas, ampliam-se em proporções inesperadas; mundos que lhe são distantes no espaço e no tempo, na história e nas relações de classe, revelam-se-lhe na dialética interna daquelas forças cujo jogo exterior oferece-lhe a experiência de algo que lhe é bastante estranho, mas que ao mesmo tempo pode ser posto em relação com a sua própria vida pessoal, com a sua própria intimidade. (Quando falta este último aspecto, surge então um interesse puramente exterior, frequentemente voltado para a forma ou para a técnica artística, mas não essencialmente estético, ou seja, um interesse dirigido para o exterior, para o exótico, uma simples curiosidade.).<sup>176</sup>

Lukács, ainda discorrendo sobre a arte que pode elevar o indivíduo, acertadamente expõe que o verdadeiro conteúdo artístico é ‘precisamente o caráter social da personalidade humana’, o que podemos perceber em excesso nos poemas produzidos por Maiakóvski. E que o idealismo burguês, de diversas maneiras, o deixou opaco. Portanto para o filósofo, o conteúdo da obra de arte, de sua efetividade, é a experiência que o indivíduo faz de si mesmo na sociedade, como parte do desenvolvimento da humanidade, exatamente como o poeta Maiakóvski o fez nos poemas anteriormente citados.

Entretanto, a eficácia da representação artística não se limita tão somente ao enriquecimento da personalidade do indivíduo, de acordo com Lukács, visto que o enriquecimento proporcionado pelo prazer estético, pode impactar, mesmo que de forma gradual e indireta, sobre as práticas e condutas sociais dos indivíduos. Percebemos essa intenção na arte fabricada pelo poeta Maiakóvski: a transformação do sujeito, o seu aprofundamento artístico.

Em 1927, pouco tempo após escrever o poema em que demonstrou sua insatisfação com a burocracia que se estabelecera, Maiakóvski escreveu *Versos Sobre o Passaporte Soviético*, em que podemos perceber, além do desprezo a burocracia – não importando de onde ela venha –, o que representava um cidadão soviético fora de suas fronteiras, e o sentimento de exaltação e orgulho de pertencer à incipiente União Soviética, o que demonstra claramente que

---

<sup>175</sup> SCHNAIDERMAN, 2020, p. 201-206.

<sup>176</sup> LUKACS, 2018, p. 264.

o poeta, mesmo com todos os problemas sentidos, não renunciou ao seu ideal revolucionário, a sua identidade socialista:

Como um lobo  
    estraçalharia  
                    à burocracia.  
Às credenciais  
    não lhes tenho respeito.  
Que vão  
    para o diabo  
                    todos os papéis!  
Mas este...  
Ao longo  
    dos camarotes e beliches  
movimenta-se  
    um funcionário  
                    polido  
                            e obsequioso.  
Cada qual entrega seu passaporte  
                            E eu entrego  
minha caderneta escarlate.  
Para certos passaportes,  
                    um sorrisinho de mofa.  
Para outros,  
    um desprezo sem par.  
Com respeito,  
    por exemplo, tomam  
                    os passaportes  
com o leão britânico  
    estampado  
                    nos dois lados.  
Comendo o passageiro com os olhos,  
    fazendo medidas e salamaleques,  
pegam  
    como se fosse uma gorjeta,  
o passaporte

de um Americano.

Para o polonês,

olham

como um cabrito para um cartaz.

Para o polonês,

franzindo a testa

numa burrice de policial

olham como quem diz:

<<De onde vem isto?

Que novidade geográfica é esta?>>

Mas é sem mover

a cabeça de repolho,

sem sentir

nenhuma emoção

que recebem

passaportes dinamarqueses,

suecos

e outros tantos.

De repente,

como que lambida

pelo fogo

a boca

do funcionário

se torce.

É que

o senhor funcionário

pegou

meu passaporte escarlate.

Pegou-o

como a uma bomba,

pegou-o

como a um ouriço,

como a navalha afiada,

pegou-o

como a uma cascavel

de vinte agulhões

e de dois metros ou mais  
de comprimento

Piscou o olho  
ao carregador  
para que nos levasse  
a bagagem de graça.

O polícia  
espiou para o tira.  
O tira espiou  
para o polícia.

Com que volúpia  
a casta e policiais  
me açoitaria, crucificaria  
por ter eu nas mãos,  
o passaporte da foice  
e do martelo,  
o passaporte soviético.

Como um lobo  
estraçalharia  
à burocracia.

Às credenciais  
não lhes tenho respeito.

Que vão  
para o diabo  
todos os papeis,  
mas este...

Da profundidade  
de meus bolsos  
retiro  
este grande documento  
de que estou provido.

Lede,  
Invejai-me!  
Eu sou cidadão

Da União Soviética!<sup>177</sup>

O pensador francês Cornelius Castoriadis, em sua obra *Socialismo ou Barbárie*, refletiu sobre o regime que se instalou na Rússia após outubro. Sobretudo, no que diz respeito ao monopólio do poder por parte dos bolcheviques. De acordo com o autor, o que se instalou na Rússia logo em seguida à revolução de outubro foi o poder do partido único. Além disso, salientou que não havia justificativa para o seu estabelecimento, e que nem todos dos supostos inimigos da revolução (anarquistas, socialistas-revolucionários e mencheviques) eram contra os bolcheviques, muitos menos contra a revolução.<sup>178</sup>

Castoriadis, aliás, define o regime que se instalou na Rússia como ‘um regime que realiza a exploração, a opressão, o terror totalitário e a cretinização cultural numa escala sem precedentes na história.’<sup>179</sup>

Castoriadis, além disso, analisando o termo socialismo e suas experiências históricas, expõe a categoria de sociedade autônoma. Para o autor, uma sociedade autônoma – antagonizando com o bolchevismo – demanda indivíduos autônomos. O que seriam esses indivíduos autônomos? De acordo com o filósofo, é a liberdade efetiva, social, assegurada pelas instituições da própria sociedade. E uma sociedade onde o poder se exerça pela coletividade, uma coletividade onde todos, sem exceção, participariam – não apenas um partido.<sup>180</sup>

Hobsbawm, analisando o breve século XX, compreendeu de forma mais racional o processo revolucionário russo, e afirmou que as condições para tal processo não existiam:

E no entanto, com exceção dos românticos que viam uma estrada reta levando das práticas coletivas da comunidade aldeã russa a um futuro socialista, todos tinham como igualmente certo que uma revolução da Rússia não podia e não seria socialista. As condições para uma tal transformação simplesmente não estavam presentes num país camponês que era um sinônimo de pobreza, ignorância e atraso, e onde o proletariado industrial, o predestinado coveiro do capitalismo de Marx, era apenas uma minúscula minoria, embora estrategicamente localizada.<sup>181</sup>

Foi nessa realidade que viveu intensamente o poeta, uma vida em turbilhão, indo da Utopia à crítica, sonhando, revolucionando.

---

<sup>177</sup>GUERRA, 1956, P. 204.

<sup>178</sup> CASTORIADIS: 1979, p. 26.

<sup>179</sup> Ibdem, p.11.

<sup>180</sup> Ibdem, p. 15-16.

<sup>181</sup> HOBBSAWM, 2021, p. 64.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, buscamos apresentar a vida do poeta Maiakóvski, e os acontecimentos históricos que desembocaram em outubro de 1917, em dialética com a sua poesia, articulando o texto/contexto, conectando o social e político com o cultural para resgatar a historicidade dos eventos revolucionários, conforme salientado por Pesavento em seu artigo *Em Busca de uma Outra História: Imaginado o Imaginário*.<sup>182</sup>

Acreditamos ter obtido as esperadas respostas sobre a partição efetiva do poeta no processo revolucionário, a sua práxis, da juventude ao suicídio. Além disso, pudemos compreender os movimentos de vanguarda, especialmente o futurismo russo, e a dialética que os movimentos estabeleceram entre si. Enfim, o envolvimento do poeta com o cubofuturismo, que o fez ser definido por Marabini como, ‘o introdutor do futurismo na vida cotidiana russa’.<sup>183</sup>

Aliás, consegui conhecer personagens inesperados, mas instigantes, do período, como é o caso de Rasputin e Khliébinikov, e que apesar de suas práticas um tanto incomuns, tiveram, por incrível que pareça, participação importante em movimentos e decisões do período anterior à revolução de outubro.

Esperamos prosseguir com a pesquisa no mestrado, ampliando o referencial bibliográfico acerca do processo revolucionário, e explorando um arsenal maior de fontes produzidas pelo poeta, tais como as suas peças teatrais, que pelo pouco que conhecemos, trazem uma maior crítica, ao período pós outubro.

---

<sup>182</sup> PESAVENTO, 1995, p. 18.

<sup>183</sup> MARABINI, 1989, p. 206.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDERSON, Perry. **Passagens da Antiguidade ao Feudalismo**. São Paulo: Unesp, 2013.
- BENJAMIN, Walter. **Diário de Moscou**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- BOITO, Armando. **Apresentação do dossiê “Análises marxistas da Revolução Russa”**. Revista Crítica Marxista, 2017.
- CASTORIADIS, Cornelius. **Socialismo ou barbárie**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.
- CHARTIER, Roger. **O Mundo como Representação**. Estudos Avançados, 1991.
- FERRO, Marc. **A Revolução Russa de 1917**. São Paulo: Perspectiva, 2019.
- \_\_\_\_\_. **Dos Soviets à Burocracia**. CECACEDAC: 1988.
- \_\_\_\_\_. **O Ocidente diante da Revolução Soviética**. São Paulo: Brasiliense, 1980.
- GRAMSCI, Antonio. **Os Intelectuais e a Organização da Cultura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.
- HILL, Christopher. **Lênin e a Revolução Russa**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967.
- HOBSBAWM, Eric. **A era dos Extremos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.
- LÊNIN, Vladímir Ilitch. **Democracia e Luta e Classes**. São Paulo: Boitempo, 2019.
- LUKÁCS, George. **Introdução a uma Estética Marxista**, Sobre a Particularidade como Categoria da Estética. São Paulo: Instituto Lukács, 2018.
- MARABINI, Jean. **A Rússia Durante a Revolução de Outubro**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- MIKHAILOV, Aleksandr. **Maiakóvski o Poeta da Revolução**. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- PEIXOTO, Fernando. **Maiakóvski: vida e obra**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. Minas Gerais: Autêntica, 2014.
- \_\_\_\_\_. **Em Busca de uma Outra História: imaginando o imaginário**. São Paulo: Rev. Bras. De História, 1995.

PROST, Antoine; VINCENT, Gérard. **História da Vida Privada 5: Da primeira Guerra a nossos dias.** São Paulo: Companhia de Bolso, 2020.

REIS, Daniel Aarão. **A Revolução que mudou o Mundo, Rússia, 1917.** São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

\_\_\_\_\_. **A aventura Socialista no século XX.** São Paulo: Atual, 1999.

RIBEIRO, Juscelino Batista. **Estética e Política na Dramaturgia de Vladimir Maiakóvski.** Dissertação de Mestrado, Minas Gerais, 2001.

RIPELLINO, Angelo Maria. **Maiakóvski e o Teatro de Vanguarda.** São Paulo: Perspectiva, 1971.

SCHNAIDERMAN, Boris. **A Poética de Maiakóvski.** São Paulo: Perspectiva, 1984,

TROTSKY, Leon. **Literatura e Revolução.** Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

## FONTES POÉTICAS

SCHNAIDERMAN, Boris; CAMPOS, Augusto; CAMPOS, Haroldo. **Maiakóvski Poemas.** São Paulo: Perspectiva, 2017.

GUERRA, E. Carrera. **Vladimir Maiakóvski Antologia Poética.** Rio de Janeiro: Leitura, 1956.

MAIAKÓVSKI, Vladímir. **Vladimir Ilitch Lenin.** São Paulo: Anita Garibaldi, 2012.

MAIAKÓVSKI, Vladímir. **Sobre Isto.** São Paulo: Editora 34, 2018.